



04 DE MAIO DE 2016

Quarta-feira

- NORMAS REGULAMENTADORAS SÃO ALTERADAS PARA GARANTIR A SEGURANÇA DOS TRABALHADORES
- FIM DE ERA DAS HIDRELÉTRICAS DESAFIA SETOR ENERGÉTICO
- RECEITA LÍQUIDA TOTAL DA INDÚSTRIA DE MÁQUINAS EM MARÇO CRESCE 12,3%, DIZ ABIMAQ
- SANCIONADA LEI QUE CRIA REPASSE DE EMPRESAS DO SETOR ELÉTRICO AO PROCEL
- FENABRAVE CONTA 404 REVENDAS FECHADAS E 16 MIL DEMISSÕES DE JANEIRO A ABRIL
- INDÚSTRIA TEM LEVE REACÇÃO
- COGNEX APRESENTA NOVA SÉRIE IN-SIGHT DURANTE A FEIMEC
- PESQUISADORES DESENVOLVEM AR-CONDICIONADO DE VESTIR
- COM QUEDA NA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, DESPERDÍCIO DE ENERGIA CRESCE
- CUMMINS INC. ANUNCIA REESTRUTURAÇÃO NA AMÉRICA LATINA
- ENTRADA DE PEDIDOS DA ROMI CRESCEU 27,2% NO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2016
- STRATASYS MOSTRA TECNOLOGIAS 3D NA FEIMEC 2016
- PRODUÇÃO INDUSTRIAL CRESCE EM 12 DOS 24 RAMOS INVESTIGADOS EM MARÇO, DIZ IBGE
- DASSAULT SYSTÈMES E ACCENTURE APRESENTAM SOLUÇÃO PARA MANUFATURA ÁGIL
- MINISTÉRIO DA FAZENDA VAI PROPOR ADIAMENTO DA REFORMA DO ICMS POR DOIS ANOS
- INDÚSTRIA DE ELETRÔNICOS SOFRE RETRAÇÃO DRÁSTICA COM APERTO DO CONSUMO
- CONFIANÇA DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS É A MENOR EM 7 MESES
- CONFIANÇA DO BRASILEIRO CHEGA AO PIOR NÍVEL DOS ÚLTIMOS 11 ANOS
- FCA ANUNCIA PARCERIA COM GOOGLE PARA CARRO AUTÔNOMO
- BRASILEIROS JÁ PAGARAM R\$ 700 BILHÕES EM IMPOSTOS EM 2016

- VENDA DE MOTOS CAI 9,5% EM ABRIL
- IOA COMEÇA A CERTIFICAR OS ANTIGOS DESMANCHES DE VEÍCULOS
- FALÊNCIAS DECRETADAS AUMENTAM 7% EM 2016, APONTA BOA VISTA SCPC
- ARTIGO: GOVERNANÇA
- GERDAU TEM QUEDA DE 95% NO LUCRO DO 1º TRI COM VENDAS MENORES NO BRASIL
- SETOR DE SERVIÇOS NO BRASIL PIORA EM ABRIL E DEMITE MAIS, MOSTRA PMI
- LUCRO DA BMW CAI COM MOTORISTAS OPTANDO POR UTILITÁRIOS EM VEZ DE LIMOUSINES
- REDUÇÃO DE ESTOQUES E ALTA DE EXPORTAÇÕES PUXARAM INDÚSTRIA EM MARÇO, DIZ IBGE
- POLÍTICAS ECONÔMICAS EQUIVOCADAS LEVARAM À DESINDUSTRIALIZAÇÃO, DIZ CNI
- VENDAS DA FIAT RECUAM 35,5% EM ABRIL
- CNI FAZ CRÍTICAS ÀS POLÍTICAS ECONÔMICAS
- MLOG DEVERÁ INVESTIR R\$ 800 MI EM PORTO-INDÚSTRIA EM LINHARES
- PEDIDOS DE RECUPERAÇÕES JUDICIAIS BATEM RECORDE NOS 4 MESES DE 2016
- MINISTÉRIO CRIA COMISSÃO DA VERDADE PARA CRIMES CONTRA SINDICALISTAS
- SINAIS MOSTRAM QUE PODEMOS TER ATINGIDO FUNDO DO POÇO
- APETITE DE INVESTIDOR DA CHINA POR FUTUROS DE MINÉRIO DE FERRO PODE GERAR BOLHA

CÂMBIO		
EM 04/05/2016		
	Compra	Venda
Dólar	3,528	3,528
Euro	4,052	4,053

Fonte: BACEN

Normas Regulamentadoras são alteradas para garantir a segurança dos trabalhadores

04/05/2016 - Fonte: R7

Sete Normas Regulamentadoras (NRs) foram modificadas e as alterações publicadas no Diário Oficial da União (DOU) desta segunda-feira (2), entre elas: a NR 11 que trata do transporte e manuseio de materiais, a NR 12 que define medidas de prevenção na utilização de máquinas e equipamentos de todos os tipos, NR 22 que trata da saúde e segurança ocupacional da mineração e na NR 36 trata da saúde e segurança no setor de abate e processamento de carne e derivados.

As alterações nas NRs foram definidas pela Comissão Tripartite Paritária Permanente (CTPP), coordenada pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS), por consenso entre governo, trabalhadores e empregadores.

Para o coordenador de normatização e programas do MTPS, Rômulo Machado, "a elaboração e a revisão das normas tem por objetivo estabelecer medidas que garantam trabalho seguro e sadio, prevenindo a ocorrência de doenças e acidentes de trabalho".

NR 11 – Na norma que trata do transporte, armazenagem e manuseio de materiais, foi revisado todo o Anexo I, que trata do regulamento técnico de procedimentos para o manuseio de chapas de mármore, granito e outras rochas.

O Anexo então vigente, não contempla os avanços tecnológicos recentemente implementados (como teares multifios) pelo setor, novas soluções desenvolvidas (como ovador de contêiner), não disciplinava carga horária e conteúdo mínimos para capacitação dos trabalhadores envolvidos nas operações de movimentação e manuseio de chapas de rochas ornamentais nem fazia referência ao manuseio de chapas fracionadas, frequente em marmorarias, dentre outros.

NR 12 - As alterações na NR 12, que define medidas de prevenção de acidentes e doenças do trabalho na utilização de máquinas e equipamentos em todas as atividades econômicas, inclui a possibilidade de adoção de soluções ainda não previstas pelo texto em vigor para a adequação das máquinas, facilitando o cumprimento das obrigações previstas na norma sem reduzir o nível de segurança oferecido aos trabalhadores.

NR 22 – Na NR que trata da segurança e saúde ocupacional na mineração, será incluída uma alínea que trata do estabelecimento de sistema que permita saber, com precisão em qualquer momento, os nomes de todas as pessoas que estão no subsolo, assim como a localização provável das mesmas.

NR 36 – Na norma que trata da saúde e segurança no setor de abate e processamento de carnes e derivados, conhecida como NR de Frigoríficos, será acrescentado um anexo com requisitos específicos para três tipos de máquinas utilizadas no setor: máquina automática para descourear e retirar pele e película, máquina aberta para descourear e retirar pele e membrana e máquina de repasse de moela.

Nas NRs 04 e 10 que tratam de serviços especializados em engenharia de segurança e em medicina de trabalho e segurança em instalações e serviços em eletricidade, respectivamente, ocorreram apenas ajustes na redação das normas. Na NR 28 sobre fiscalização e penalidades foram atualizados códigos utilizados pela fiscalização do trabalho.

Normas - A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) atribui ao MTPS a competência de estabelecer disposições complementares aos artigos sobre saúde e segurança, o que é feito por meio das Normas Regulamentadoras (NRs). As normas têm a função de estabelecer parâmetros de segurança em setores, equipamentos e funções

específicas, porque cada profissão exige um cuidado próprio para resguardar a vida e integridade física da equipe e de terceiros.

CTPP - A Comissão Tripartite Paritária Permanente foi instituída pela Portaria n.º 393, de 09 de abril de 1996, com objetivo de revisar ou elaborar regulamentações na área de segurança e saúde no trabalho e de normas gerais relacionadas às condições de trabalho.

Fim de era das hidrelétricas desafia setor energético

04/05/2016 - Fonte: Gazeta do Povo



Além de prejuízos bilionários, a crise energética deixou um desafio urgente para o setor elétrico brasileiro: decidir qual será a fonte de energia capaz de dar fôlego a um novo ciclo de expansão, sem sobressaltos no abastecimento.

Com a perda de protagonismo das hidrelétricas, o setor vai precisar escolher se aposta nas fontes renováveis e caminha em direção a uma matriz mais limpa, ou se opta pelas termelétricas, mais sujas.

[INFOGRÁFICO: Veja o potencial e a produção de cada fonte de energia no Brasil](#)

Ano após ano, as hidrelétricas vêm perdendo espaço. O Plano Decenal de Energia (PDE) 2016, elaborado em 2007, previa que expansão hidráulica chegaria a 109.058 megawatts de capacidade instalada neste ano, mas chegou a 87.136 megawatts (MW).

A previsão agora é atingir o valor projetado inicialmente somente em 2024, quando a participação das hidrelétricas na matriz deve cair dos atuais 61,2% para 56,7%.

Em contrapartida, as termelétricas, cuja participação quase dobrou na última década, devem continuar aumentando sua fatia na matriz nos próximos anos, embora essa não seja a previsão do governo. O salto mais impressionante, contudo, veio das eólicas. Partindo praticamente do zero, elas acrescentaram, em uma década, 8.592 MW de capacidade instalada à matriz brasileira.

Mas isso não significa que teremos uma matriz mais limpa, segundo especialistas. Embora cresçam a olhos vistos no país, eólica e solar não oferecem segurança ao sistema, pois dependem dos ventos e do sol para gerar energia. "Não consigo ver no longo prazo um setor equilibrado sem uma participação maior do gás natural", diz Erik Eduardo Rego, analista da consultoria Excelência Energética.

Ventos

Mais da metade (57,8%) de toda a energia habilitada para o Leilão A-5 2016 – que vai contratar energia elétrica para ser fornecida a partir de 2021 – é proveniente de usinas eólicas. No total serão 29.628 MW de capacidade instalada ofertados de variadas fontes, sendo a principal delas a eólica, com 17.131 MW oriundos de 693 projetos. As termelétricas aparecem em segundo lugar, com 55 projetos, sendo 40 movidos a biomassa.

Se a complementação térmica precisa vir por meio do gás natural, a crise do setor nos mostrou, por outro lado, que a dependência do diesel ainda é muito grande, o que encarece – e muito – essa fonte.

“A oferta de gás, hoje nas mãos da Petrobras, limita a expansão das térmicas. Falar de um novo modelo para o setor elétrico significa discutir monopólio, o papel da Petrobras e a abertura de mercado para o gás”, afirma Rego.

Ronaldo Goulart Bicalho, do Grupo de Economia da Energia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), diz que o setor elétrico brasileiro foi todo estruturado a partir das hidrelétricas, uma fonte extremamente barata e disponível. Mas o jogo mudou. “A questão agora é saber de qual fonte vamos obter uma energia mais barata. As térmicas precisam ser repensadas, pois, na média, ainda são muito caras”, diz.

Para Bicalho, o cenário ideal teria termelétricas mais baratas operando na base com complementação das renováveis, como eólica, PCHs e solar. “Os reservatórios das hidrelétricas ainda são a nossa grande vantagem. Eles nos dão a oportunidade de poupar a água e encaixar as renováveis, sobretudo as eólicas, de uma forma diferente no sistema. Vamos sujar um pouco a matriz, mas temos condições de chegar ao fim desse processo com uma energia mais competitiva”, diz.

Demanda futura

Para a década entre 2014 e 2024, a previsão é que seja necessário um acréscimo de 74 mil MW de potência instalada para atender a um crescimento estimado de 3,8% ao ano no consumo de energia. Mais da metade desse total já está contratado e em fase de implantação.

A nova oferta de energia será composta, predominantemente, por fontes renováveis – eólica, solar, biomassa e pequenas centrais hidrelétricas (PCHs) –, com acréscimo de 34.965 MW. Líderes no processo de expansão, as eólicas devem praticamente dobrar sua participação na matriz, passando de 6%, hoje, para 11,6%, em 2024. Na sequência aparecem as hidrelétricas (27.183 MW) e as termelétricas (10.546 MW).

Megaprojetos de usinas estão com os dias contados

Na lista de projetos que constam no cenário de expansão energética, para entrada em operação até 2024, destacam-se as usinas de Belo Monte e São Luiz do Tapajós, com 11.233 MW e 8.040 MW de potência total, respectivamente. Esses dois empreendimentos, somados, correspondem a 68% da expansão hidrelétrica prevista para o período.

Como se vê, o potencial hidráulico existente no país não é pequeno, mas está concentrado na Amazônia, o que, na prática, torna cada vez mais raros grandes projetos como Belo Monte, São Luiz do Tapajós ou as hidrelétricas de Jirau e Santo Antônio, no complexo do Rio Madeira.

Outro aspecto, evidenciado pela recente crise hídrica, é a mudança nos regimes hidrológicos de chuva, que afeta o nível dos reservatórios, reduzindo o potencial de geração.

Brasília, no entanto, parece não pensar assim. “Apesar dos argumentos, o governo insiste em mega projetos na Amazônia que são um problema ambiental e social. Não me parece o caminho a ser seguido. As alternativas “menores”, como a geração distribuída, as PCHs, a solar, precisam ganhar participação no setor”, avalia Erik Rego, analista da Excelência Energética.

Nova matriz

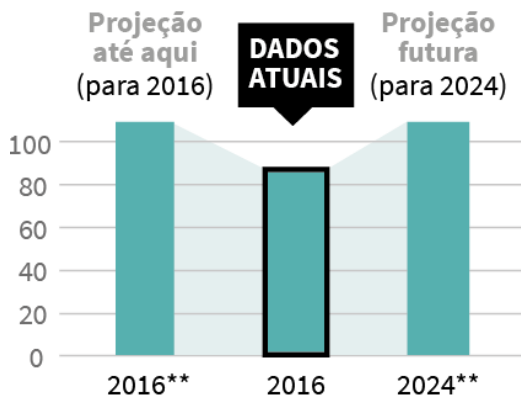
Diante da perda de participação das hidrelétricas na matriz, o setor elétrico brasileiro tem o desafio de escolher qual fonte vai liderar um novo ciclo de expansão energética no país sem sobressaltos.

Potencial **INSTALADO**

(em milhares de MW)

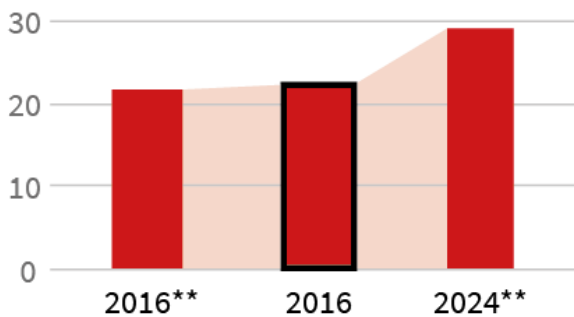


Hídrica

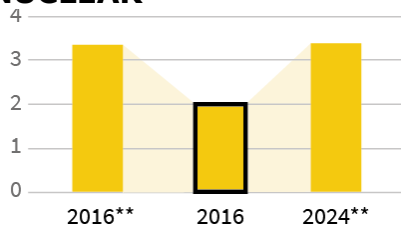


Térmica

Gás, carvão, óleo, diesel



NUCLEAR

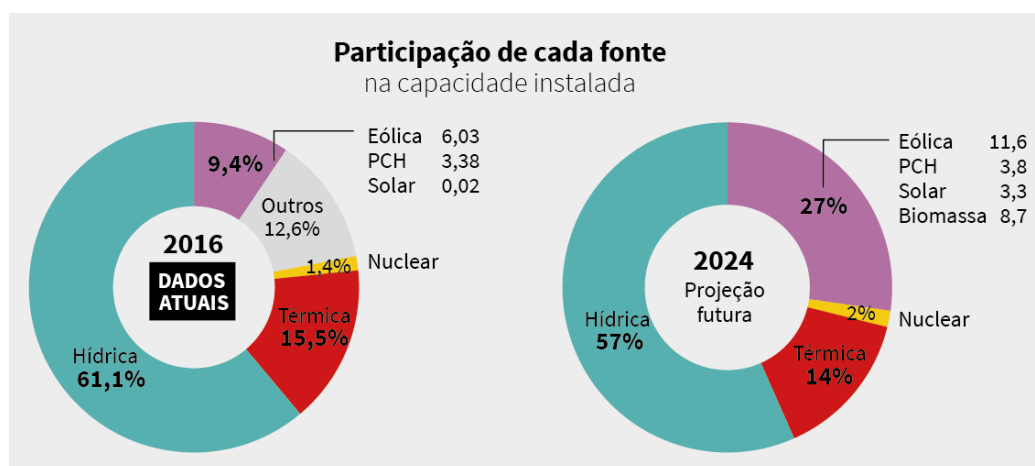
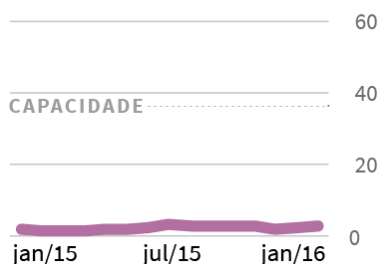
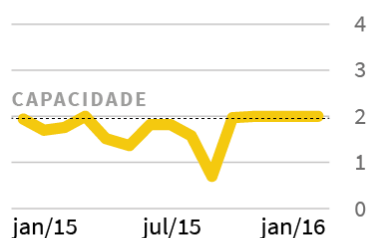
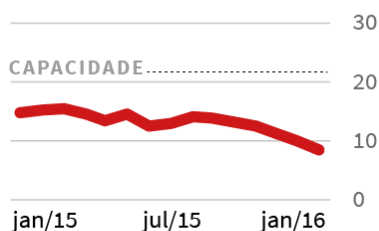
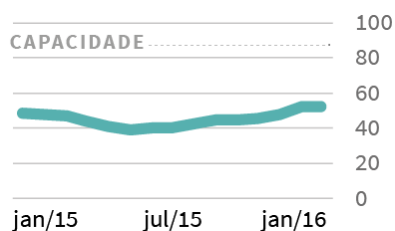


Eólica, PCH, Solar e Biomassa*

http://multimedia.gazetadopovo.com.br/media/info/2016/201605/matriz-energetica_20.png

O que É produzido

(em milhares de MW médios)



Fonte: Redação. Infografia: Gazeta do Povo.

Receita líquida total da indústria de máquinas em março cresce 12,3%, diz Abimaq

04/05/2016 - Fonte: EM.com

A receita líquida total do setor industrial de máquinas e equipamentos fechou no mês de março em R\$ 6,245 bilhões, segundo balanço que a Associação Brasileira de

Máquinas e Equipamentos (Abimaq) divulgado nesta terça-feira, 3, na Feira Internacional de Máquinas e Equipamentos (Feimec). O valor é 12,3% maior que a receita líquida total apurada em fevereiro. Na comparação com março do ano passado houve uma queda de 32,6%. No acumulado do ano até março, a receita líquida total do setor caiu 30,9% na comparação com o mesmo período do ano passado.

O consumo aparente em março atingiu R\$ 8,549 bilhões, valor 5,7% maior que o apurado em fevereiro. Na comparação com março do ano passado, o consumo aparente recuou 36,2% e no acumulado do ano recuou 30%.

Ainda segundo da Abimaq, as exportações de máquinas e equipamentos em março somaram US\$ 824,6 milhões. O valor é 41,4% superior o valor embarcado em fevereiro. Na comparação com março do ano passado, as exportações caíram 9% e no acumulado do ano até março, a queda foi de 5%.

As importações somaram em março US\$ 1,269 bilhão, uma queda de 18,7% na comparação com fevereiro. No confronto com março do ano passado, a queda chegou a 32,2% e no acumulado do ano até março houve uma queda de 30,9% na comparação com igual período do ano passado.

O quadro de empregados do setor encolheu 0,5% em março em relação a fevereiro para 309,7 mil trabalhadores. Na comparação com março do ano passado, o emprego na indústria de máquinas e equipamentos recuou 12,3% e no acumulado do primeiro trimestre caiu 12,8% ante o mesmo período em 2015.

Sancionada lei que cria repasse de empresas do setor elétrico ao Procel

04/05/2016 - Fonte: Paraná Online

A presidente Dilma Rousseff sancionou lei que disciplina a aplicação de recursos das empresas de energia elétrica a programas de eficiência energética. O texto está publicado no Diário Oficial da União (DOU) desta quarta-feira, 4, sem vetos ao projeto que foi aprovado pelo Congresso Nacional em abril.

A lei reserva 20% dos recursos que as empresas aplicam em eficiência energética ao Programa Nacional de Conservação de Energia Elétrica (Procel) e estabelece que as distribuidoras poderão aplicar até 80% dos recursos de seus programas de eficiência energética em unidades consumidoras beneficiadas pela Tarifa Social de Energia Elétrica, em comunidades de baixa renda e em comunidades rurais.

De acordo com o texto, a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) definirá, em ato específico e no prazo de 60 dias, o calendário de recolhimento do percentual das empresas ao Procel, as multas incidentes, as punições cabíveis para os casos de inadimplência e a forma de pagamento do valor.

A lei determina que o repasse anual ao Procel e sua utilização estão sujeitos a algumas condições, como a apresentação, pelo Grupo Coordenador de Conservação de Energia Elétrica (GCCE), de plano de aplicação dos recursos e a aprovação desse plano pelo Comitê Gestor de Eficiência Energética no prazo máximo de 60 dias de sua apresentação.

O Comitê Gestor de Eficiência Energética foi instituído pela lei justamente para aprovar o plano anual de investimentos do Procel. O colegiado será constituído no âmbito do Ministério de Minas e Energia e contará também com representantes do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, Aneel, Eletrobras, Confederação Nacional da Indústria (CNI) e as associações do setor elétrico Abradee e Abrace.

Fenabreve conta 404 revendas fechadas e 16 mil demissões de janeiro a abril

04/05/2016 - Fonte: Paraná Online

A falta de reação do mercado de veículos no Brasil, que acumula queda de 27,9% nas vendas em 2016, tem resultado em um número cada vez maior de concessionárias que tiveram de encerrar seus negócios.

De janeiro a abril deste ano, são 404 revendas a menos, para um total de 6.299 lojas em operação, informou nesta terça-feira, 3, a Federação Nacional de Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve). Com mais concessionárias tendo de fechar as portas, 16 mil trabalhadores foram demitidos nos primeiros quatro meses do ano.

Em 2015, quando a venda de veículos caiu 26,5%, foram 627 revendas a menos e 32 mil vagas de emprego fechadas. Com isso, no acumulado de janeiro de 2015 a abril de 2016, houve uma redução de 1.031 no número de concessionárias no Brasil, com 48 mil trabalhadores demitidos.

Além disso, a expectativa do segmento para o restante deste ano ficou pior. A Fenabreve revisou para baixo a sua previsão para as vendas em 2016, de queda de 5,8% para recuo de 9,8%. "A situação econômica e política se agravou de tal maneira que ultrapassou todos os nossos estudos e as nossas expectativas", explicou o presidente da instituição, Alarico Assumpção Jr.

O presidente da Fenabreve também lamentou que a concessão de crédito para a aquisição de veículos esteja caindo, contribuindo para a piora do mercado. Segundo ele, a cada 10 pedidos de financiamento para a compra de veículos, apenas três estão sendo aprovados pelas instituições financeiras. Ainda de acordo com Assumpção, a aprovação chegou a ser de sete a cada 10 pedidos há alguns anos.

Parte da queda, disse, pode ser atribuída ao aumento da taxa de inadimplência, que tem girado em torno de 4,9%, acima do nível considerado saudável de algo entre 2,0% e 2,5%.

Assumpção explicou, no entanto, que a redução na proporção de pedidos aprovados de financiamentos não se deve somente ao cenário econômico do Brasil, mas também à crise financeira internacional de 2008, a partir da qual os bancos ficaram mais rigorosos na concessão de crédito.

Com a indefinição sobre qual será o governo no restante do ano, as negociações para a implementação de um programa de renovação de frota voltaram à "estaca zero", afirmou o presidente da Fenabreve.

"Lamentavelmente esse projeto está parado e nós não sabemos como isso se dará com o novo governo", disse. O programa de renovação de frota vinha sendo negociado com o governo Dilma Rousseff e era uma das esperanças do setor para a retomada do crescimento das vendas.

Indústria tem leve reação

04/05/2016 - Fonte: Bem Paraná

A gradual normalização de estoques e o avanço nas exportações de alguns setores ajudaram a impulsionar o crescimento de 1,4% na produção industrial brasileira na passagem de fevereiro para março, afirmou André Macedo, gerente da Coordenação de Indústria do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No entanto, o principal combustível foi a base de comparação deprimida, ressaltou o pesquisador. O pesquisador, no entanto, diz que o cenário de março é melhor, já que

o avanço na produção alcançou 12 dos 24 ramos pesquisados, diferente de 2015, quando os aspectos eram mais negativos.

Cognex apresenta nova série In-Sight durante a Feimec

04/05/2016 - Fonte: CIMM

A Cognex Corporation, líder mundial em sistema de visão, anuncia sua participação na primeira edição da Feira Internacional de Máquinas e Equipamentos (Feimec), que ocorre entre os dias 3 e 7 de maio de 2016 no São Paulo Expo, apresentando ao público sua nova série de sistemas de visão In-Sight® 2000.

A In-Sight® 2000 é um produto que combina o poder dos algoritmos dos sistemas de visão In-Sight, líder da indústria, com a simplicidade e acessibilidade de um sensor de visão.

Ideal para resolver aplicações simples de detecção de erros, estes sensores de visão estabelecem novos padrões de custo, facilidade de uso e flexibilidade, graças à poderosa combinação comprovada das ferramentas de visão In-Sight, configuração simples e design modular com iluminação e óptica intercambiáveis.

A série inclui ainda sistema integrado de formação de imagem de alto desempenho que consiste em lentes intercambiáveis em campo e opções de iluminações integrada LED, que produz iluminação uniforme e difusa por toda a imagem, eliminando a necessidade de investimentos em iluminação externa.

Além da nova série In-Sight 2000, a Cognex também apresenta em seu estande o leitor de códigos de barras DataMan 262 ImageMax que oferece opções de montagem em configurações retas ou em ângulo reto para caber nos menores espaços eliminando a necessidade de reprojeter o equipamento ou de recursos ópticos complicados como espelhos e ainda inclui os algoritmos Cognex:1DMax™ com tecnologia Hotbars®2 para leitura em alta velocidade, 2DMax® e tecnologia PowerGrid™, (patente pendente), para leitura confiável de códigos 2-D desafiadores.

Possui iluminação e óptica que podem ser trocadas em campo permitindo assim se adaptar às condições de chão de fábrica, atendendo aos mais diversos requisitos de aplicações, possui também botões de ajuste automático e acionamento para configurar e usar os leitores facilmente sem um PC.

Durante a Feimec, os visitantes também poderão conferir de perto outros produtos de alta tecnologia da Cognex como as câmeras inteligentes da série In-Sight® Micro 8000, uma nova família de sistemas de visão autônomos ultracompactos que oferece desempenho da ferramenta de visão em velocidades de computador líder do setor, com a configuração básica de uma "simples" câmera GigE Vision® tradicional; o sistema de visão autônomo de 5 MP mais rápido do mundo para inspeção confiável em linhas de produção de alta velocidade In-Sight 5705 e a família DataMan 8050, composta pelos leitores industriais portáteis mais rápidos e econômicos da atualidade, desenvolvida com invólucro robusto para resistir às condições rígidas do chão de fábrica e equipada com os melhores algoritmos de leitura de código de barras da categoria, capaz de ler até os códigos de barras mais desafiadores de forma rápida e fácil.

Ainda, os interessados em aprimorar suas linhas de produção poderão assistir gratuitamente à palestra "Sistema de Visão e sua Utilização em Projetos de Automação Industrial: Ganho de Produtividade, Zero Defeitos, Rastreabilidade, Células Robóticas Flexíveis", apresentada por Edgard Almeida, Gerente de Vendas da Cognex Brasil, que ocorrem nos dias 3, 4, 5 e 6 de maio, no Auditório Arena Técnica do pavilhão.

Informações:

Estande: 009

Horário: Terça a Sexta, das 10h às 19h e Sábado das 9h às 17h

Local: SP Expo Exhibition & Convention Center (antigo Imigrantes)

Endereço: Rodovia dos Imigrantes, 1 - Parque do Estado, São Paulo – SP

Palestra:

Local: Auditório Arena Técnica

Dia 03/05 – 10h

Dia 04/05 – 10h

Dia 05/05 – 12h

Dia 06/05 – 10h

Pesquisadores desenvolvem ar-condicionado de vestir

04/05/2016 - Fonte: CIMM

Bombeiros entrando em edifícios em chamas, atletas que competem no sol escaldante e trabalhadores de fundições e siderúrgicas logo poderão carregar suas próprias unidades de refrigeração pessoal, verdadeiros aparelhos de ar-condicionado individuais.

A possibilidade de concretização desse sonho de longa data foi aberta com o desenvolvimento de uma matriz flexível de nanofios feita por Guangzu Zhang, da Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos.

A própria matriz de nanofios faz o resfriamento, criando uma abordagem simples e de baixo custo para uma refrigeração de estado sólido.

Materiais eletrocalóricos

Materiais eletrocalóricos são materiais, geralmente nanoestruturados, que apresentam uma mudança reversível de temperatura sob ação de um campo elétrico.

Já existem diversas versões, mas na forma de cristais individuais, cerâmicas ou filmes finos de cerâmica, que têm muitas limitações porque são rígidos, frágeis e são difíceis de sintetizar e trabalhar.

Além disso, o campo elétrico que eles exigem para induzir o arrefecimento fica acima do limite de segurança para o ser humano.

Zhang criou um material eletrocalórico de nanofios de titanato de estrôncio e bário que é flexível, fácil de fabricar e ambientalmente amigável, além de resfriar com um campo elétrico seguro para uso humano - todas as características necessárias para que ele seja incorporado em uma roupa que resfria quem a utilizar, um ar-condicionado de vestir.

Rumo ao protótipo

Uma bateria de 500 gramas, do tamanho de um tablet, consegue alimentar o ar-condicionado pessoal por cerca de duas horas, gerando um resfriamento de 14°C em relação ao ambiente.

"Agora precisamos projetar um sistema que possa arrefecer uma pessoa e remover o calor gerado no resfriamento da área circundante", prometeu o professor Qing Wang, coordenador da equipe.

Com queda na produção industrial, desperdício de energia cresce

04/05/2016 - Fonte: CIMM

Estimativas da Associação Brasileira das Empresas de Serviços de Conservação de Energia (Abesco) revelam que a queda da produção industrial resultou no aumento do desperdício de energia elétrica em cerca de 3%.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a redução da produção industrial em 2015 foi de 8,3% enquanto dados da Empresa de Pesquisa Energética (EPE) revelaram que o consumo do setor teve uma redução de 5,5%.

“Claro que temos outros energéticos na cadeia produtiva, mas já podemos ver uma boa sinalização de que a redução da produção e o consumo de energia elétrica não andam de mãos dadas”, explica o presidente da Abesco, Alexandre Moana.

Segundo o especialista, isso acontece porque quando uma planta produtiva é dimensionada, espera-se que seja idealizada para uma determinada produção média. As esteiras, fornos, prensas, injetoras, extrusoras, motores, centrais de ar comprimido, iluminação, escadas rolantes, enfim, tudo é planejado para atender certa demanda pelos produtos da indústria ou movimento do comércio.

Ocorre, no entanto, que mudanças bruscas na economia, como a que estamos presenciando, podem fazer com que essa estrutura ande em descompasso com a demanda por produtos.

Ou seja, luzes ficam acesas em áreas que não mais seriam necessárias, esteiras em linhas de produção que carregariam mil produtos por minuto passam a carregar 400 produtos, utilizando praticamente a mesma energia para o trabalho dos mil.

“O grande problema disso é que a indústria brasileira cativa, que sempre sofreu o infortúnio de pouca competitividade, talvez agora tenha ficado agonizante, ao menos no aspecto energia”, finaliza.

Cummins Inc. anuncia reestruturação na América Latina

04/05/2016 - Fonte: CIMM

A Cummins Inc. anuncia a unificação das operações na América Latina, integrando América do Sul, México e América Central em um único território. Com isso, a companhia busca atingir maior eficiência organizacional, adequando o tamanho de sua estrutura ao atual difícil ambiente macroeconômico da região e, sobretudo, assegurando melhor apoio aos clientes de cada país para desfrutar de um progresso mais veloz.

A nova equipe de liderança está distribuída em diversos países da região e é conduzida por Ignacio Garcia, vice-presidente corporativo, baseado no México. Garcia traz décadas de experiência em muitas áreas da Cummins, mais recentemente como vice-presidente para o México e América Central.

Começou como engenheiro de qualidade em 1982, integrando a equipe de start-up na fábrica da Cummins, em San Luis Potosi, no México. Desde então, foi líder de Marketing e Vendas e gerente da fábrica de Motores de Jamestown, em Virgínia, nos EUA, além de VP de Compras e Manufatura da Cummins Inc.

No Brasil, sob a liderança de Luís Pasquotto, vice-presidente da Cummins Inc., a inovação da gestão visa o aumento da participação da companhia nos segmentos de mineração, marítimo, agrícola, geração de energia, automotivo, máquinas de construção, equipamentos agrícolas e outros. Pasquotto passa a se dedicar com

estratégias mais robustas e inovadoras ao mercado brasileiro que, mesmo diante do cenário econômico atual, tem 30% de representatividade da América Latina.

"Temos um universo de oportunidades para crescer no Brasil, um mercado importante que nenhuma grande empresa pode descuidar. Aqui vamos concentrar esforços com uma organização eficiente, foco nos clientes e desenvolver projetos seletivos que nos trarão crescimento mesmo no ambiente adverso de hoje", diz o executivo que segue ainda no Conselho de Administração da joint-venture Komatsu Cummins, no Chile, mercado extremamente importante para a Cummins.

Além do México e do Brasil, grandes territórios, a Cummins Inc. também nomeou os líderes das subregiões para a condução dos negócios locais, execução de estratégias de crescimento e apoio total para servir com excelência aos clientes: Luis E. Martinez - América Central (baseado na Costa Rica); Claudio Barcena - Norte da América do Sul, na Venezuela, Colômbia e Equador (baseado em Bogotá); Guillermo Illanez - Oeste da América do Sul, no Peru e Chile (baseado em Santiago) e Pedro Zermeño - Bolívia, Uruguai, Paraguai e Argentina (baseado em Buenos Aires).

Entrada de pedidos da Romi cresceu 27,2% no primeiro trimestre de 2016

04/05/2016 - Fonte: CIMM

A Romi, líder na indústria brasileira de máquinas e equipamentos industriais, com 85 anos de história e mais de 150 mil máquinas instaladas por todo o mundo, apresenta os resultados alcançados no primeiro trimestre de 2016.

Com receita de R\$ 129,8 milhões no primeiro trimestre de 2016, a Romi obteve margem bruta de 20,2% e margem EBIT (*Earnings Before Interest and Taxes*) negativa em 9,7%. A margem EBITDA (*Earnings Before Interest, Taxes, Depreciation and Amortization*) foi negativa em 2,8%, com margem líquida negativa em 7,6%, o que representa um prejuízo líquido de R\$ 9,9 milhões no período.

A posição de caixa no trimestre diminuiu R\$3,1 milhões. O gerenciamento da companhia tem conseguido manter os estoques em níveis normais, a inadimplência controlada e o fluxo de caixa operacional positivo.

A Romi está focada em manter os níveis de endividamento e de caixa em patamares adequados, permitindo que, em um ano de recessão, os esforços possam ser direcionados para a captura das oportunidades.

A entrada de pedidos de máquinas Romi foi de R\$ 58,9 nos primeiros três meses de 2016, volume 12,8% superior ao obtido no mesmo período em 2015. Já a entrada de pedidos da Unidade de Negócio de Fundidos e Usinados, impulsionada pela maior demanda do segmento de energia eólica, apresentou aumento de 59,9%, em relação ao primeiro trimestre do ano passado. Diante desse cenário, a companhia fechou o trimestre com uma carteira de pedidos de R\$236,2 milhões.

O mercado doméstico foi responsável por 65% da receita da Romi no 1T16, confirmando o crescimento gradual e sustentável no mercado externo, uma vez que essa participação era de 79% no 1T15.

Segundo Luiz Cassiano Rosolen, diretor-presidente da Romi, "apesar dos nossos esforços, aumentando o volume faturado tanto pela B+W quanto pela Unidade de Negócios de Fundidos e Usinados, os resultados ainda estão sofrendo influência da intensa instabilidade pela qual passa o mercado.

Quase metade do faturamento da Romi está vinculado à venda de máquinas, cujo mix de produtos comercializados apresentou maior participação de itens de menor porte,

cujas margens são geralmente inferiores às demais em virtude das características desses equipamentos".

Os investimentos no primeiro trimestre de 2016 totalizaram R\$2,4 milhões, sendo estes destinados, em parte, para a manutenção, produtividade, flexibilidade e competitividade do parque industrial da Romi.

O Programa de Aquisição de Ações Ordinárias de emissão da companhia, que teve início em 28 de abril de 2015, foi concluído em 19 de janeiro de 2016, com a aquisição das 3,1 milhões de ações, pelo valor total de R\$5,6 milhões.

Stratasys mostra tecnologias 3D na Feimec 2016

04/05/2016 - Fonte: CIMM

A Stratasys, empresa de soluções de impressão 3D e manufatura aditiva, participa da Feimec – Feira Internacional de Máquinas e Equipamentos 2016, em conjunto com a SKA, sua revenda autorizada, especialista em tecnologia para o desenvolvimento de produtos, a fim de mostrar ao mercado o potencial de suas tecnologias 3D para transformar a produção e viabilizar a indústria do futuro.

No evento, que será realizado de 3 a 7 de maio, no SP Expo Exhibition & Convention Center, a Stratasys destacará as impressoras 3D: a Fortus 400MC e a Object260 Connex3, além de apresentar ao segmento industrial sua nova impressora J750.

"Nós queremos mostrar aos gestores da indústria a diversidade de equipamentos de manufatura 3D que oferecemos, destacando as diferentes tecnologias e benefícios para obter maior produtividade, eficácia nos processos produtivos, melhor aproveitamento de recursos e economia de tempo e de custos", ressalta Paulo Farias, diretor geral da Stratasys no Brasil.

Com este objetivo, os visitantes que forem ao estande da SKA, na Rua D, estande nº 186, poderão conhecer todo o portfólio e ver em funcionamento dois dos principais modelos de impressoras 3D da Stratasys, cada uma com uma das tecnologias - FDM e PolyJet utilizadas por indústrias em todo o mundo.

"A intenção é permitir que sejam constatados os diferenciais das soluções da Stratasys, que já são usadas para as mais variadas aplicações, pelas mais diversas indústrias em todo o mundo", explica Vagner Cornelius, diretor da SKA.

Hoje, as impressoras 3D - como são conhecidos popularmente os equipamentos de manufatura aditiva - são utilizadas pelas indústrias principalmente para a prototipagem conceitual e funcional de uma ampla gama de produtos; para simulação de mecanismos industriais - montagem, verificação de cumprimento de funções, em escala reduzida ou real, que podem ser submetidos a testes de temperatura, resistência à água e a produtos químicos; além de manufatura aditiva de dispositivos, gabaritos e ferramentas para uso final no chão de fábrica, entre outras aplicações.

"A diversidade de uso das tecnologias 3D se amplia dia a dia, pois, ao conhecermos as necessidades específicas de cada empresa, se multiplicam as aplicações, sempre com ganhos práticos em termos de inovação, praticidade de desenvolvimento e produção e otimização de recursos. Há redução considerável de tempo para manufatura e realização de testes, o que agiliza a usabilidade e a colocação de novos produtos no mercado", afirma Farias.

Impressoras 3D em exposição

Stratasys Fortus 400 MC – É uma impressora 3D profissional com tecnologia FDM (Fused Deposition Modeling), utilizada para produzir modelos conceituais, protótipos funcionais e peças para uso final em termoplásticos-padrão, de alto desempenho,

inigualáveis em termos de resistência mecânica, térmica e química. Seus principais benefícios são usar materiais avançados como ABS, Nylon 12, Plicarbonato e até ULTEM, velocidade e eficiência de produção; flexibilidade e controle total de parâmetros; facilidade de instalação, operação e sustentabilidade, já que não exige ventilação especial e não produzem gases tóxicos, produtos químicos ou resíduos com a maioria dos materiais.

Objet260 Connex3 – Esta impressora 3D profissional é ideal para prototipagem de produtos em desenvolvimento, pois imprime em cores e em materiais diversos, permitindo a produção de modelos com a mesma textura e aparência do produto final, em um único ciclo de impressão.

Seu grande diferencial é utilizar a tecnologia Polyjet, cuja impressão é feita em camadas aditivas tão finas quanto 16 microns (0,0006"), o que a torna uma excelente opção para os modelos de apresentação e matrizes.

Além disso, seu fluxo de trabalho é simples, é fácil de instalar e de manusear, utilizando como base arquivos CAD originais ou elementos gráficos adicionados diretamente no Adobe Photoshop.

Seu software recomenda a correspondência de cor mais próxima e fornece visualizações realistas para eliminar as conjecturas e propiciar qualidade em detalhes, com alta produtividade, qualidade e redução de custos

Nova impressora Stratasys

No evento, a SKA aproveitará a oportunidade para apresentar ao mercado industrial a Stratasys J750, com o detalhamento de informações sobre o lançamento, que ainda não chegou ao Brasil, mas permitirá aos clientes escolher entre mais de 360.000 tonalidades de cores diferentes, além de contar com uma múltipla variedade de materiais – dos rígidos aos flexíveis, de opacos aos transparentes, possibilitando a impressão 3D em uma vasta gama de cores, materiais e propriedades em uma mesma peça.

Com isto, torna mais rápida e qualitativa a produção de modelos, protótipos e peças realistas para praticamente qualquer necessidade de aplicação, com uma versatilidade incomparável. Outro benefício da nova solução da Stratasys é que sua versatilidade e capacidade produtiva aceleram e melhoram de modo considerável o Custo Total de Propriedade (CTO), por eliminar muitos processos tradicionais complexos, desperdícios de tempo e de recursos.

Produção industrial cresce em 12 dos 24 ramos investigados em março, diz IBGE

04/05/2016 - Fonte: Paraná Online

A produção industrial cresceu em 12 dos 24 ramos investigados na passagem de fevereiro para março, segundo os dados da Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física, informou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A principal influência positiva foi dos produtos alimentícios, que avançaram 4,6%, eliminando o recuo de 2,1% acumulado entre janeiro e fevereiro de 2016.

Segundo o gerente da Coordenação de Indústria do IBGE, André Macedo, o setor foi beneficiado pelas condições climáticas favoráveis à safra de açúcar e derivados de soja e ao cenário favorável à exportação de carnes.

"Mas produtos alimentícios não fogem da leitura que fazemos para os demais segmentos. Eles vêm de duas taxas negativas consecutivas, gerando uma perda de 2,1%. Claro que o avanço suplanta a queda acumulada, mas a base de comparação

mais baixa também explica a magnitude de crescimento para o setor neste mês", disse Macedo.

Outras contribuições positivas relevantes para o avanço de 1,4% no total da indústria em março ante fevereiro foram de máquinas e equipamentos (8,5%), produtos farmoquímicos e farmacêuticos (8,3%), veículos automotores, reboques e carrocerias (2,7%), máquinas, aparelhos e materiais elétricos (3,6%) e produtos de madeira (4,2%).

Na direção oposta, o destaque entre os onze ramos que reduziram a produção foi o de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis, que recuou 6,5%, interrompendo três meses de taxas positivas consecutivas, quando acumulou expansão de 8,1%.

Outros impactos negativos relevantes foram observados nos setores de celulose, papel e produtos de papel (-3,1%), indústrias extrativas (-0,9%), metalurgia (-2,1%), produtos de borracha e de material plástico (-2,9%) e móveis (-4,6%).

Dassault Systèmes e Accenture apresentam solução para manufatura ágil

04/05/2016 - Fonte: CIMM

A Dassault Systèmes, a empresa 3DExperience, líder mundial em software de projetos 3D, 3D Digital Mock Up e Product Lifecycle Management (PLM), e a Accenture, estão trabalhando em uma prova de conceito (do inglês, *Proof of Concept* - PoC) para mostrar como as tecnologias digitais podem melhorar a eficiência e a agilidade na manufatura em indústrias como as de equipamentos pesados e aeroespacial.

Trabalhando com uma grande empresa de equipamentos industriais, a Dassault Systèmes e a Accenture estão produzindo e implementando uma solução em três fases que utiliza tecnologias digitais para criar uma conexão entre engenharia e o chão de fábrica.

Voltada a empresas de manufatura não-repetitiva, essa solução adaptativa proporciona um novo nível de continuidade para o processo de montagem do produto, incluindo a sequência em que as peças são produzidas, e proporcionando um nível melhor de compreensão sobre o processo, tanto para engenheiros quanto para a equipe de montagem.

A primeira fase dessa solução de manufatura ágil cria a sequência teórica necessária para montagem de produtos, tal como um trem, um avião ou uma escavadora. A segunda fase ajuda a construir, otimizar e replanejar de forma rápida o plano operacional e a programação de cada trabalhador de chão de fábrica. A terceira fase cria um display digital da programação desses profissionais para que possam consultá-la. Essas três fases utilizam soluções da Dassault Systèmes.

Substituindo o que tem sido muitas vezes um processo baseado em papel, Dassault Systèmes e Accenture estão criando uma solução que fornece uma nova conexão digital entre a equipe de engenharia e o chão de fábrica, permitindo mudanças em tempo real.

Essa solução também pode fornecer novas percepções e avaliação de risco sobre quaisquer mudanças propostas para um produto ou para a programação da montagem antes da produção, reduzindo muito a inatividade e criando uma manufatura mais ágil.

"Muitas empresas se esforçam para melhorar a flexibilidade da manufatura e sustentar mudanças comerciais ou técnicas inesperadas quando ocorrem problemas na produção, falta de peças ou modificações de projeto. Uma solução de manufatura ágil exclusiva fornecerá flexibilidade para o gerenciamento de configurações e a habilidade

necessária para fábricas locais personalizarem seus produtos, além de suporte para serviços de manutenção", afirma Eric Schaeffer, diretor sênior e chefe de Prática Industrial da Accenture.

"A Internet das Coisas (IoT) Industrial e outros conceitos digitais estão permitindo que os fabricantes embarquem em uma nova era de processos produtivos, sustentáveis e econômicos que resultem em uma melhor experiência para seus clientes", afirma Laurent Blanchard, vice-presidente executivo de Operações (EMEAR), Alianças e Serviços Globais da Dassault Systèmes.

"Estamos ampliando nossa colaboração de longa data com a Accenture para levar a manufatura ágil para a era da experiência. As empresas podem se beneficiar da experiência da Dassault Systèmes em operações virtuais de manufatura digital e aplicativos de gerenciamento de dados e, também, das melhores práticas da Accenture em serviços de integração, reengenharia de processos de negócios, gestão de mudanças e implantação", acrescenta.

Ministério da Fazenda vai propor adiamento da reforma do ICMS por dois anos

04/05/2016 - Fonte: Gazeta do Povo



O Ministério da Fazenda irá sugerir aos secretários de Fazenda estaduais um adiamento da reforma do ICMS por dois anos e fará uma proposta de transição para extinguir os incentivos fiscais em vigor concedidos sem a aprovação do Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz), antecipou ao Broadcast, serviço de notícias em tempo real da Agência Estado, o secretário-executivo da Fazenda, Dyogo Oliveira.

"Os riscos e custos da reforma do ICMS não podem ser assumidos pela União e pelos Estados nos próximos dois anos", afirmou.

A Fazenda exigirá medidas duras para garantir que os Estados cumpram sua parte. Segundo Dyogo, para combater a insegurança jurídica, quem desobedecer o acordo ficará vedado de realizar novas operações de crédito, receber repasses voluntários da União e há a possibilidade de autuação criminal de gestores.

Caso aceitem a proposta da Fazenda, os Estados precisarão revelar os benefícios em reunião do Confaz, cancelar as multas a empresas beneficiárias de outros entes e, caso queiram, restabelecer os benefícios por prazos determinados.

Os entes da federação poderão manter os benefícios fiscais estaduais para a indústria por 15 anos, para portos e aeroportos por oito anos e os incentivos comerciais, considerados por Dyogo os mais "danosos", por apenas três anos.

Em contrapartida, o fundo de desenvolvimento regional continuará recebendo volume da repatriação de recursos de brasileiros que estão no exterior. O montante dividido entre os Estados será de R\$ 3 bilhões por ano. "A intenção é de que o fundo seja usado para infraestrutura física e tecnológica", afirmou.

A distribuição do benefício será 10% linear, 10% baseado na população estadual e 80% inversamente proporcional ao PIB do Estado. "Os Estados estão muito frágeis do ponto de vista da receita e a União não pode assumir esse custo", afirmou.

O objetivo da Fazenda é reduzir a insegurança jurídica para as companhias que usufruem e que já investiram no interior do País. Na avaliação do secretário, os Estados têm adotado autuações e alguns benefícios são concedidos em determinados entes da federação e não têm seus créditos validados em outros. "Vamos focar na segurança jurídica dos investimentos", destacou Dyogo.

O secretário está confiante de que os Estados aprovarão a proposta. Segundo ele, Estados com os quais a Fazenda conversou se mostraram favoráveis ao desenho feito pela equipe econômica.

Cálculos usados preliminarmente pelo governo mostram que a concessão de incentivos fiscais pelos governos estaduais é da ordem de R\$ 60 bilhões por ano.

Indústria de eletrônicos sofre retração drástica com aperto do consumo

04/05/2016 - Fonte: G1



O setor de eletrônicos e informática liderou a forte retração da indústria em março, derrubado pelo encalhe nas vendas de televisores, aparelhos celulares, computadores, geladeiras e fornos de microondas. O tombo foi de 31,1% ante março de 2015, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Até a indústria automobilística, que coleciona repetidas quedas na produção, caiu menos que o setor: 23,8% em março. Foi o 22º mês de contração dos eletroeletrônicos, que fecharam o 1º trimestre com atividade 26,8% menor, mostram dados do IBGE agregados pela Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee).

O segmento de bens duráveis – aqueles que têm vida longa e só são descartados após muito uso – é o que mais sofre com a perda da capacidade de consumo das famílias brasileiras, avalia o economista do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI) Rafael Cagnin.

Em março, os bens duráveis caíram 24,3%, enquanto os não duráveis recuaram 3,8%. "O brasileiro tem optado por adiar a substituição dos produtos, inclusive os que têm vida útil mais curta, como os equipamentos de informática. É o que ele pode cortar do orçamento com a perda do poder de compra", observa.

A recente fase do "boom" de consumo no Brasil também ajuda a explicar a retração do setor, segundo o economista. "Quem trocou a geladeira ou o computador há cerca de dois anos pode esperar mais tempo para comprar de novo", diz Cagnin.

Junto da indústria automotiva, o setor elétrico (voltada para o ramo industrial) e de eletrônicos foi campeã de crescimento da indústria nos anos que antecederam a recessão da economia, crescendo a dois dígitos por meses seguidos.

A queda nos três primeiros meses do ano é resultado do recuo de 34,6% da indústria eletrônica e do decréscimo de 20,4% na indústria elétrica. "É um dado assustador. Não víamos nada parecido desde a década de 1990", diz o presidente da Abinee, Humberto Barbato.

Ele atribui a queda acentuada do setor elétrico à paralisação das obras de infraestrutura no país. Já o setor de eletrônicos tem relação direta com a queda do consumo, acredita. Barbato prevê que o setor terá uma queda de 6% no faturamento real até o fim do ano, e uma retração de 7% da produção.

IPI e câmbio

O fim da isenção do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) sobre os eletrodomésticos e automóveis também ajudou a minar o poder de compra do consumidor, uma vez que eles ficaram mais caros, avalia Cagnin, do IEDI.

A desvalorização do real frente ao dólar também contribuiu para encarecer os produtos do segmento, lembra o economista. "Os produtos eletrônicos têm muitos componentes importados e houve um aumento expressivo do custo que precisou ser repassado para o consumidor. Isso foi sentido na queda do consumo", diz.

Produção da indústria

A produção da indústria brasileira cresceu 1,4% em março, na comparação com o mês anterior, segundo informou o IBGE na terça-feira (3). O avanço é o maior desde janeiro de 2014, quando chegou a 1,8%.

Em relação a março do ano passado, o setor recuou 11,4%.

No entanto, no primeiro trimestre deste ano, a indústria acumula um recuo de 11,7%. Segundo a pesquisa, essa é a maior retração - para o período - desde 2009, quando a atividade fabril caiu 14,2%. Em 12 meses, o indicador sofreu redução de 9,7%, a maior desde outubro de 2009, quando chegou a 10,3%.

De fevereiro para março, a principal influência positiva entre os setores analisados partiu da indústria de produtos alimentícios, que avançou 4,6%. Também cresceram as produções de máquinas e equipamentos (8,5%), de produtos farmoquímicos e farmacêuticos (8,3%), de veículos automotores, reboques e carrocerias (2,7%), além de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (3,6%) e produtos de madeira (4,2%).

Confiança de micro e pequenas empresas é a menor em 7 meses

04/05/2016 - Fonte: G1

A economia brasileira em recessão e o aprofundamento da crise política têm afetado o ambiente de negócios dos micro e pequenos varejistas e dos prestadores de serviços.

O Indicador de Confiança da Micro e Pequena Empresa calculado pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) apresentou queda de 12,1% no último mês, passando de 43,15 pontos para 37,92 pontos na passagem de março para abril. É o patamar mais baixo verificado desde setembro do ano passado, quando o índice estava em 37,62 pontos.

O resultado, abaixo do nível neutro de 50 pontos, indica que a percepção desses empresários é pessimista. A escala do indicador varia de zero a 100, sendo que quanto mais próximo de 100, mais confiante está o micro e pequeno empresário consultado.

O ICMPE é composto mensalmente pelo Indicador de Condições Gerais e pelo Indicador de Expectativas a partir das opiniões dos micro e pequenos empresários residentes nas 27 capitais e no interior.

O Indicador de Condições Gerais, que avalia a percepção do micro e pequeno empresariado sobre o desempenho de suas empresas e da economia brasileira nos últimos seis meses, retraiu, passando de 25,94 pontos para 24,02 pontos na escala.

Em termos percentuais, 85% dos empresários entrevistados consideram que a economia piorou nos últimos seis meses, contra apenas 5,1% que relatam ter havido melhora.

A proporção dos que notam deterioração na performance de seus negócios é um pouco menor, mas ainda assim é elevada: 64% dos entrevistados. Além disso, a queda nas vendas é uma realidade para 6 em cada 10 (64,8%) entrevistados que observam piora no desempenho dos seus negócios

Expectativas

A percepção dos micro e pequenos empresários de como serão os próximos seis meses para a economia e para os seus negócios também foi analisada e apresentou um patamar modesto. Em abril, o Indicador de Expectativas caiu para 48,36 pontos frente aos 56,06 pontos verificados no mês de março.

Como o indicador ficou abaixo do nível neutro de 50 pontos, significa que a maior parte dos empresários está pessimista com o ambiente de negócios no curto prazo.

Os dois componentes que estruturam esse indicador apresentaram queda no último mês. A abertura focada nas expectativas para os negócios caiu de 62,19 para 55,12 pontos. Já as expectativas para a economia do país passaram de 49,92 pontos para 41,59. Em termos percentuais, somente 28,3% dos micro e pequenos empresários estão confiantes com o desempenho da economia, ao passo que 49,5% estão pessimistas.

Em se tratando exclusivamente do desempenho de seus negócios, 45,5% dos entrevistados disseram estar confiantes para os próximos seis meses, enquanto 28,1% demonstram pessimismo com o futuro das suas empresas.

Entre os que manifestam pessimismo, o que mais pesa é a convicção de que a economia não irá se recuperar, mencionada por 60% da amostra, seguido pelos que disseram não ter mais recursos para investir no negócio (10,2%).

Considerando as expectativas sobre o faturamento da empresa nos próximos seis meses, 66,5% dos micro e pequenos empresários não têm perspectivas de que suas receitas cresçam.

Confiança do brasileiro chega ao pior nível dos últimos 11 anos

04/05/2016 - Fonte: G1

O Índice Nacional de Confiança da Associação Comercial de São Paulo (ACSP) registrou 64 pontos em abril - pior resultado desde que a pesquisa começou a ser feita, em abril de 2005.

Em março de 2016, a confiança foi de 73 pontos e, em abril do ano passado, 103 pontos. Os valores entre 100 e 200 significam otimismo e os abaixo de 100 representam pessimismo. Segundo a ACSP, no intervalo de apenas um ano, o brasileiro deixou o campo otimista e se tornou profundamente pessimista.

A confiança do consumidor paulista também bateu novo recorde de baixa, despencando de 57 pontos em março para apenas 48 pontos em abril. Há um ano, o INC do estado foi de 89 pontos. Segundo a entidade, por ser mais industrializada, a região é mais sensível aos efeitos da crise econômica.

O Índice Nacional de Confiança mede a confiança e a segurança do brasileiro quanto à sua situação financeira ao longo do tempo. Indica a percepção da população sobre a economia e prevê o comportamento do consumidor no mercado.

A pesquisa foi realizada entre os dias 2 e 14 de abril em todas as regiões brasileiras, a

partir de 1,2 mil entrevistas domiciliares em 72 municípios, por amostra representativa da população brasileira de áreas urbanas (Censo 2010 e PNAD 2013).

Emprego, consumo e situação financeira

Segundo a ACSP, em abril, 51% dos brasileiros definem sua atual situação financeira como ruim e 37% acreditam que sua situação financeira futura piorará nos próximos seis meses. Em março, essas parcelas eram de 51% e 34%, respectivamente. E, há um ano, eram de 38% e 22%.

Como consequência, grande parte dos brasileiros continua preocupada com a questão do trabalho: apenas 13% estão seguros em seus empregos - há um ano, eram 28%.

O INC de abril revelou que 68% dos brasileiros não estão à vontade para comprar eletroeletrônicos, contra 62% no mês anterior e 42% há um ano. Além disso, 73% não pensam em adquirir bens duráveis de maior valor como imóveis e automóveis, ante 68% em março e 53% há um ano.

Classes

O INC das classes A/B despencou de 60 pontos em março para 49 em abril, por ser o grupo socioeconômico mais bem informado e, também, porque ele já começa a ser bastante afetado pelo desemprego, com gerentes, diretores e executivos de empresas sendo demitidos por contenção de gastos, segundo a ACSP.

Já a classe C, cujo INC saiu de 74 pontos em março e foi para 63 pontos em abril, continua a mais afetada pelo desemprego porque foi a que mais se beneficiou do crescimento econômico dos últimos anos, diz a entidade. Já nas classes D/E, o INC caiu de 85 para 81 pontos de um mês para o outro.

Regiões

O Sudeste teve um INC de 53 pontos em abril contra 65 em março. O Sul sofreu queda semelhante, caindo de 73 para 59 pontos em abril. Já nas regiões Norte/Centro-Oeste, a confiança do consumidor recuou de 76 para 70 pontos no mesmo período.

O Nordeste continua a região menos pessimista, com um INC de 82 pontos em abril frente a 88 em março.

FCA anuncia parceria com Google para carro autônomo

04/05/2016 - Fonte: Automotive Business



A FCA Fiat Chrysler Automobiles anuncia parceria inédita com o Projeto de Carro Autônomo do Google para integrar a tecnologia de direção autônoma à nova minivan Chrysler Pacifica 2017 híbrida a fim de expandir o programa de testes da Google.

O acordo marca a primeira vez que a empresa trabalha diretamente com uma montadora no desenvolvimento de seu sistema de direção que dispensa participação ativa do motorista.

Serão desenvolvidas e fabricadas pela FCA cerca de 100 unidades do veículo especificamente para a tecnologia de direção autônoma do Google, que integrará o conjunto de sensores e computadores que os carros precisarão. Com o uso das

minivans, o Google mais do que dobrará sua frota atual de veículos dedicados a testes de direção autônoma.

Será composta uma equipe formada por engenheiros das duas companhias, que ficará sediada em um prédio no sudeste do Michigan para acelerar o desenvolvimento, os testes e a manufatura do Chrysler Pacifica que se autodirige.

O carro autônomo da Google atualmente é testado em quatro cidades nos Estados Unidos: Mountain View (Califórnia), Austin (Texas), Kirkland (Washington) e Phoenix (Arizona). A minivan será testada em campo de provas privado na Califórnia, antes de circular por vias públicas.

Os carros autônomos têm potencial para evitar mais de 33 mil mortes que ocorrem a cada ano nas rodovias dos Estados Unidos, 94% das quais causadas por erros humanos. Para a FCA, esta colaboração ajudará as duas companhias a entenderem melhor o que será necessário para viabilizar os carros autônomos no mundo.

“Trabalhar com o Google representa para a FCA uma oportunidade de parceria com uma das companhias líderes mundiais em tecnologia para acelerar o ritmo da inovação na indústria automobilística”, disse Sergio Marchionne, CEO da FCA.

“A experiência que ambas as empresas vão acumular será fundamental para trazer soluções tecnológicas no setor automotivo, de grande impacto e benefício para os consumidores”, acrescentou.

“A FCA tem uma equipe de engenheiros ágeis e experientes e a minivan Chrysler Pacifica Híbrida é adequada à tecnologia de direção autônoma do Google”, disse John Krafcik, CEO do Projeto de Carro Autônomo do Google.

“A oportunidade de trabalhar com os engenheiros da FCA vai acelerar nossos esforços para desenvolver um carro totalmente autônomo que fará nossas estradas mais seguras e facilitará o deslocamento diário para aquelas pessoas que não podem dirigir.”

O Projeto de Carro Autônomo da Google surgiu há sete anos para desenvolver veículos totalmente autônomos com um conceito inédito de mobilidade a fim de tornar as estradas mais seguras e ampliar a mobilidade para milhões de pessoas que não podem dirigir. A meta principal é ajudar pessoas a se deslocarem ao toque de um botão.

Os veículos da frota, atualmente cerca de 100 unidades já atingiram 2,4 milhões de quilômetros em vias públicas dirigindo de forma totalmente autônoma. O Projeto de Carro Autônomo da Google é parte da X, empresa do grupo Alphabet, que é holding da Google.

Em março de 2012, uma lei aprovada em Nevada, nos Estados Unidos, permitiu ao Google iniciar testes em veículos motorizados autônomos. A primeira licença foi concedida em maio daquele ano para um Toyota Prius modificado com a tecnologia de autodireção experimental do Google.

Brasileiros já pagaram R\$ 700 bilhões em impostos em 2016

04/05/2016 - Fonte: G1



O valor pago pelos brasileiros em impostos neste ano alcançou R\$ 700 bilhões por volta de 23h20 desta terça-feira (3), segundo o "Impostômetro" da Associação Comercial de São Paulo (ACSP). No ano passado, esse mesmo montante foi alcançado um dia depois, em 4 de maio.

O presidente da ACSP, Alencar Burti, destaca que o Brasil já tem uma das maiores cargas tributárias do mundo e que não suportará novos aumentos.

"Qualquer tentativa de elevação de impostos irá aprofundar a recessão. Esperamos que o governo comece a revisar seus gastos para ajustar o orçamento. Só assim será possível recuperar a confiança do consumidor e do empresariado, juntamente com a desaceleração da inflação que se avista", afirma.

O Tesouro Nacional estima que a carga tributária brasileira cresceu em 2015 e atingiu 32,71% do Produto Interno Bruto (PIB) ante a 2,43% do PIB em 2014.

Recorde em 2015

No dia 30 de dezembro de 2015, foi alcançada pela primeira vez em um ano a marca inédita de R\$ 2 trilhões que foram pagos pelos brasileiros em impostos.

O Impostômetro completou uma década no ano passado. O painel eletrônico que calcula a arrecadação em tempo real está instalado na sede da associação, na Rua Boa Vista, região central da capital paulista. Outros municípios instalaram seus próprios painéis, como Florianópolis, Guarulhos, Manaus, Rio de Janeiro e Brasília.

O objetivo da ferramenta é conscientizar o cidadão sobre a alta carga tributária e incentivá-lo a cobrar os governos por serviços públicos de qualidade.

Pelo portal www.impostometro.com.br, é possível descobrir o que dá para os governos fazerem com todo o dinheiro arrecadado. Por exemplo, quantas cestas básicas é possível fornecer, quantos postos de saúde podem ser construídos. No portal também é possível levantar os valores que as populações de cada estado e município brasileiro pagaram em tributos.

Venda de motos cai 9,5% em abril

04/05/2016 - Fonte: Automotive Business



O varejo de **motos** em abril somou 93,5 mil unidades emplacadas, registrando queda de 9,5% em relação a março, mês com mais dias úteis. A média diária de emplacamentos continua abaixo de 5 mil unidades. No acumulado do ano foram

licenciadas 379,6 mil unidades. O volume é 12,7% menor que o de igual período de 2015 e muito parecido com o registrado dez anos atrás, no primeiro quadrimestre de 2006. Os números foram divulgados pela Fenabrave, federação que reúne as associações de concessionárias.

- Veja [aqui](#) os números da Fenabrave

A retração obrigou a associação a rever suas projeções. Em vez de 4,1%, a queda estimada ante 2015 agora é de 5%, o que deve resultar em 1,21 milhão de unidades licenciadas até o fim do ano.

Um dos motivos para o fraco desempenho do setor continua sendo a restrição ao crédito. A taxa de aprovação das fichas é de 15% a 16% apenas, "a menor de todos os segmentos", segundo o presidente da Fenabrave, Alarico Assumpção Júnior.

De acordo com a Abraciclo, associação dos fabricantes do setor de duas rodas, a queda em 2016 passará dos 12% se descontados os emplacamentos de ciclomotores usados, que vêm distorcendo os registros do Renavam por causa de uma alteração no Código de Trânsito Brasileiro, que desde o fim de 2015 obriga a lacração desses veículos em todo o Brasil.

Esses emplacamentos geraram também um grande salto na participação do Nordeste no segmento de duas rodas porque a Região é grande consumidora de ciclomotores.

Um ano atrás o Nordeste tinha 36% de participação nos licenciamentos de motocicletas novas e mantinha vantagem de cerca de dois pontos percentuais sobre o Sudeste.

Em 2016 a representatividade do Nordeste nos licenciamentos de motos saltou para mais de 40%, com vantagem superior a dez pontos percentuais sobre o Sudeste.

IQA começa a certificar os antigos desmanches de veículos

04/05/2016 - Fonte: Automotive Business

O IQA (Instituto da Qualidade Automotiva) começou a certificar os centros de reciclagem automotiva, a primeira do tipo desenvolvida para o segmento no Brasil para atender os antigos desmanches.

A certificação é baseada na lei federal 12.977/2014, que normatiza a desmontagem de veículos e passou a regular essa atividade no País.

Segundo a entidade, as empresas que quiserem ser certificadas para a atividade de desmontagem devem atender as legislações e cumprir os processos de qualidade para a melhoria da eficiência operacional.

"O novo serviço visa a melhoria do atendimento ao consumidor, agora mais exigente, com a regulamentação deste novo tipo de negócio", afirma Sérgio Fabiano, gerente da área de serviços automotivos do IQA.

Com a adoção da certificação, que verifica somente o processo de gestão do negócio, o empresário do segmento passa a ter mais controles, com acompanhamento mais criterioso que vai desde o recebimento dos veículos até a venda das peças desmontadas, para assegurar aos clientes produtos com garantia de procedência e qualidade.

A JR Diesel e a Renova Eco Peças participaram do projeto piloto do IQA para o desenvolvimento da nova certificação. "As duas empresas auxiliaram o Instituto a ajustar os processos conforme as necessidades desse novo mercado em expansão.

Foram mais de 12 meses entre pesquisa, desenvolvimento e validação”, conta Fabiano.

Durante o processo de certificação, são checados procedimentos, ferramentais e estruturas para as diversas atividades do centro de reciclagem, a começar pelo recebimento dos veículos, etapa em que se verificam os registros e controles de entrada junto ao Detran (Departamento Estadual de Trânsito), documentação que garante a legalidade das peças.

São checadas também as atividades de descontaminação, desmontagem dos veículos, embalagem dos produtos, sistema de registro de estoque e o processo de venda das peças.

Outro requisito para a certificação é atender todas as exigências de preservação ambiental, com o descarte correto dos resíduos sólidos e líquidos, realizado por meio de empresas especializadas e credenciadas pelos órgãos ambientais, e com o uso dos equipamentos necessários na área de lavagem para evitar a contaminação do esgoto com resíduos de óleo.

Mais informações sobre a Certificação para Centros de Reciclagem podem ser obtidas no IQA, telefone (11) 5091-4545 ou e-mail servicos@iqa.org.br.

Falências decretadas aumentam 7% em 2016, aponta Boa Vista SCPC

04/05/2016 - Fonte: G1

As falências decretadas no país aumentaram 7% no acumulado no ano até abril, na comparação com os primeiros 4 meses de 2015, segundo dados da Boa Vista SCPC (Serviço Central de Proteção ao Crédito).

Em abril, as falências cresceram 8,1% na comparação com o mesmo mês do ano passado e diminuíram 7,8% na comparação com março.

Os pedidos de falência, por sua vez, registraram alta de 25,8% no acumulado do ano em relação ao mesmo período de 2015. Em abril, o número de pedidos de falências aumentou 12,0% em relação ao mesmo mês do ano anterior e recuou 8,8% na comparação com março.

Já os pedidos de recuperação judicial e as recuperações judiciais deferidas, no acumulado do ano, tiveram alta de 140,7% e 148,1%, respectivamente.

Na comparação abril 2016 versus abril 2015, os pedidos de recuperação cresceram 99,1%.

Já no comparativo abril e março, houve aumento de 35,7%.

"A situação das empresas continua preocupante e não há previsão de mudança no curto prazo. Com redução das receitas e elevação dos custos, o caixa das empresas vem sendo pressionado desde 2015. Nem mesmo o corte de despesas, via demissões por exemplo, e aumento do endividamento foram suficientes para aliviar a tendência de alta das falências e recuperações judiciais", avalia a Boa Vista SCPC.

Artigo: Governança

04/05/2016 - Fonte: Folha de S. Paulo

Ninguém pode estar alegre ou satisfeito com a tragédia da política brasileira. Depois de uma campanha eleitoral controvertida que levou o vencedor a adotar o programa econômico do vencido, sem dar satisfação aos que lhe tinham dado o seu voto de

confiança, a credibilidade de Dilma praticamente se desfez no ar. Logo em seguida, tentou intervir na eleição da presidência da Câmara e perdeu fragorosamente!

Destruiu assim as relações de "independência" e "harmonia" que devem existir entre os poderes Executivo e Legislativo.

A partir daí foi uma sucessão de desastres. Nunca apoiou, convictamente, o ministro Joaquim Levy. Quando a assustadora e dramática recessão de 2015 se mostrou, o PT "descobriu" que ela teria sido produto do "neoliberal" Levy.

Ela, que se iniciara no 2º trimestre de 2014, teria sido produzida pela política econômica de 2015! No universo paralelo em que vive, o PT acha natural que um efeito preceda a sua causa.

Sob o ataque da "ciência" petista, Levy sofreu o pão que o diabo amassou. Seu programa separava com clareza o curto prazo (onde era necessário muito cuidado com a "eficiência" da despesa) do longo prazo, onde se restabeleceria a confiança entre o governo e o setor privado, a única forma de ampliar os investimentos (públicos + privados) e as exportações.

Foi boicotado e jogou a toalha...

Em 2016, Dilma substituiu Levy por Nelson Barbosa, também um competente economista, mas formado por uma "escola" muito diferente do neoliberalismo.

Suas propostas pareciam aproximar-se das que Lula havia aplicado com sucesso em 2003/09, em condições completamente diferentes. Bastaram umas poucas semanas para que Barbosa também fosse alvo da sanha petista.

Seu bom projeto para acomodar o que o pavoroso laxismo financeiro dos últimos anos criou nos Estados e municípios, alongava os prazos de pagamento das suas dívidas, mas lhes impunha condicionalidades absolutamente necessárias. Foi vetado pelo PT!

O Executivo, por absoluta falta de protagonismo, deixou o problema caminhar para o Supremo Tribunal Federal, que o "empurrou com a barriga", à custa de maior deficit primário em 2016. Ainda agora votou-se na Câmara a urgência do aumento do Judiciário, com a desculpa de que "não há custo porque já está no orçamento"... Sim, num orçamento que prevê um deficit de 2% do PIB!

Não há governança. A nação precisa encontrar, o mais cedo possível, uma saída para esse impasse.

(Antonio Delfim Neto - Ex-ministro da Fazenda, é economista e deputado federal).

Gerdau tem queda de 95% no lucro do 1o tri com vendas menores no Brasil

04/05/2016 - Fonte: R7

A siderúrgica Gerdau teve queda de 94,8 por cento no lucro líquido do primeiro trimestre sobre um ano antes, a 14 milhões de reais, afetada por menores volumes de vendas no Brasil, mas apoiada por resultados nos Estados Unidos, que ampliou sua participação no desempenho do grupo.

O lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) ajustado de janeiro a março ficou em 930 milhões de reais, queda de 15,9 por cento na comparação anual, informou a empresa nesta quarta-feira.

As vendas de aço totais recuaram 7 por cento de janeiro a março, a 3,85 milhões de toneladas, sobre um ano antes. Contra o trimestre imediatamente anterior, houve redução de 0,9 por cento.

A receita líquida do primeiro trimestre recuou 3,5 por cento, a 10,085 bilhões de reais, sobre o mesmo período de 2015.

No Brasil, as vendas de aço retraíram 8,7 por cento devido ao menor nível de atividade da construção e da indústria, ocasionado pelas incertezas econômicas, disse a Gerdau. As exportações, contudo, subiram 72,5 por cento por conta das oportunidades no mercado internacional e o câmbio favorável.

Com este desempenho, a importância das operações do país no total de faturamento da Gerdau caiu de 32 para 27,9 por cento. Do lado Ebitda, a participação recuou de 49,1 para 30,9 por cento.

Por outro lado, as vendas da unidade América do Norte subiram 2,4 por cento, com a melhora do setor de construção não residencial. A operação ampliou sua participação no faturamento do grupo de 33,2 por cento no primeiro trimestre de 2015 para 40 por cento neste ano. Já do lado do Ebitda, o percentual passou de 21 para 38,4 por cento.

A alavancagem medida pela relação da dívida líquida em dólares sobre o Ebitda subiu para 4 vezes, ante 2,4 vezes no primeiro trimestre do ano passado e 3,6 vezes nos três meses encerrados em dezembro.

Sector de serviços no Brasil piora em abril e demite mais, mostra PMI

04/05/2016 - Fonte: R7

A atividade do setor de serviços do Brasil voltou a apresentar forte deterioração em abril, em meio às intensas demissões e que levaram à redução de preços pela primeira vez em um ano e meio, mostrou a pesquisa Índice de Gerentes de Compras (PMI, na sigla em inglês) divulgada nesta quarta-feira.

O PMI de serviços do Brasil caiu a 37,4 em abril, contra 38,6 em março, segundo nível mais baixo em mais de nove anos de coleta de dados, permanecendo bem abaixo da marca de 50 que separa crescimento de contração.

"As perspectivas econômicas continuam sombrias quando existe tanta incerteza no mercado. As reformas econômicas não devem fazer parte da agenda dos políticos até que seja alcançado um resultado sobre o impeachment no Senado", disse a economista do Markit Pollyanna De Lima em nota, referindo-se ao processo de afastamento da presidente Dilma Rousseff.

As empresas de serviços tentaram em abril atrair novos clientes oferecendo descontos, mostrou a pesquisa, apesar de mais um aumento nos custos de insumos.

Segundo o Markit, os preços médios de venda foram reduzidos pela primeira vez desde outubro de 2014, caindo nas áreas de Hotéis e Restaurantes, Aluguéis e Atividades de Negócios e Transportes e Armazenamento.

Os entrevistados citaram a fragilidade econômica no país como fator para a queda da produção de serviços em abril, com forte contração no volume de entrada de novos trabalhos, destacadamente no setor de Correios e Telecomunicações.

A demanda no país vem sendo afetada pelo impasse político, pela piora no otimismo dos clientes e pela recessão econômica, de acordo com a pesquisa.

Buscando diminuir custos, as empresas de serviços reduziram o nível de emprego em abril pela taxa mais forte já registrada na pesquisa, com os cortes acelerando em todos os seis subsetores acompanhados, afetando também o consumo.

"O desemprego mais alto deve agravar ainda mais a demanda doméstica nos próximos meses", alertou Pollyanna.

Ainda assim, o otimismo entre os fornecedores de serviços no país melhorou, diante das expectativas de que as crises econômica e política vão terminar.

O grau de otimismo chegou ao maior nível em sete meses, com mais da metade dos entrevistados esperando crescimento da produção ao longo do próximo ano.

A Fundação Getúlio Vargas (FGV) já havia apontado melhora de seu Índice de Confiança de Serviços (ICS) do Brasil em abril, devido também à alta das expectativas. Com a piora também do setor industrial, o PMI Composto brasileiro atingiu em abril o menor nível da série, de 39,0, contra 40,8 em março.

Lucro da BMW cai com motoristas optando por utilitários em vez de limousines

04/05/2016 - Fonte: R7

A BMW registrou um lucro operacional menor do que o esperado, atingido por movimentos cambiais adversos e por pressão nos preços de limousines, com os motoristas nos Estados Unidos em particular optando por veículos utilitários esportivos (SUV, na sigla em inglês).

Os modelos de carros tradicionais saíram de moda nos EUA, com os baixos preços sustentados da gasolina encorajando uma mudança em direção a picapes e utilitários esportivos. Isto obrigou as montadoras de sedãs e hatchs a ampliar os incentivos para a venda.

"A mudança de limousines para SUV colocou os preços sob pressão", disse o diretor financeiro da BMW, Friedrich Eichiner, a jornalistas em conferência para discutir os resultados nesta terça-feira.

A empresa manteve sua estimativa para o ano todo, ao dizer que vai aumentar a proporção de utilitários vendidos nos EUA para 40 por cento, ante 30 por cento atualmente.

O lucro ante de juros e impostos (Ebit, na sigla em inglês) no primeiro trimestre recuou 2,5 por cento, para 2,46 bilhões de euros, um pouco abaixo da estimativa média dos analistas de 2,48 bilhões de euros em uma pesquisa da Reuters, atingidos por mudanças no valor da libra esterlina e o iuan chinês ante o euro.

Redução de estoques e alta de exportações puxaram indústria em março, diz IBGE

04/05/2016 - Fonte: DCI

A gradual normalização de estoques e o avanço nas exportações de alguns setores ajudaram a impulsionar o crescimento de 1,4% na produção industrial brasileira na passagem de fevereiro para março, afirmou André Macedo, gerente da Coordenação de Indústria do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No entanto, o principal combustível foi a base de comparação deprimida, ressaltou o pesquisador.

"Essa perda recente do setor industrial é um fator importante a ser considerado para a melhora nesse mês específico. A magnitude de crescimento foi importante, remete a um passado da série histórica. Mas não muda a leitura que estamos fazendo há algum tempo.

Até porque, nas demais comparações, a produção continua bastante negativa, sobre um ano que já se mostrava com um comportamento de queda importante. A despeito do crescimento na margem da série, a leitura continua a mesma (de tendência de queda)", afirmou Macedo.

O pesquisador, no entanto, diz que o cenário de março é melhor, já que o avanço na produção alcançou 12 dos 24 ramos pesquisados. "A gente passou um 2015 inteiro com resultados negativos, então essa predominância de atividades em alta é positiva", disse ele.

Segundo ele, alguns setores estão normalizando os estoques que permaneceram elevados durante algum tempo, como o de equipamentos de informática e de alimentos. "Por outro lado, a indústria automobilística, considerando importância que ela tem dentro da produção e em função do seu encadeamento, é setor que ainda se encontra em patamar acima de seu padrão habitual de estoques", contou.

Os grupos relacionados com exportações estão dando alguma contribuição positiva para o desempenho da indústria, mas ainda pontualmente. "Você observa sim melhoras em determinados grupamentos, determinadas classes de indústrias, mas que são totalmente insuficientes para reverter essa trajetória (de queda)", avaliou Macedo.

Fabricantes de carnes de bovinos, de aves e de celulose são alguns que colhem resultados positivos com a mudança de patamar do câmbio. "Mas isso é muito pequeno dentro do contexto industrial, onde você tem três quartos dos produtos investigados com queda na produção. É uma melhora muito pontual", definiu o pesquisador.

Macedo defende que a contração no mercado doméstico ainda é preponderante para o resultado da indústria, como consequência do crédito mais caro e restrito, inflação mais alta, e deterioração do mercado de trabalho.

Crise

A crise política e econômica que o País atravessa contribui para retrainir a demanda doméstica e, conseqüentemente, manter o quadro de retração na indústria nacional. No atual ambiente de incertezas, empresários tendem a adiar investimentos enquanto consumidores são levados a diminuir o ímpeto às compras, segundo Macedo.

"Incerteza política e incerteza econômica são fatores que acabam de alguma forma adiando os investimentos, adiando as decisões de consumo. Não por acaso bens de capital e bens de consumo duráveis são dois grandes segmentos que mostram as principais perdas entre as categorias econômicas. Mensurar (o impacto disso) é claro que não é possível. Mas a gente sabe que, dado o ambiente de incerteza, há uma natural retração nas intenções de investimento e de consumir", avaliou Macedo.

Nos três primeiros meses de 2016, a produção de bens de capital despencou 28,9%, enquanto a de bens de consumo encolheu 9,8%. A fabricação de bens de consumo duráveis acumulou retração de 27,3%.

A retração na demanda doméstica desestimula os novos investimentos por parte do empresariado, enquanto a deterioração do mercado de trabalho e a inflação alta reduz o consumo das famílias, explica Macedo.

"O que se tem até o presente momento é um setor industrial com comportamento marcadamente negativo. Claro que toda e qualquer eliminação de incerteza pode ter

reflexo sobre a decisão de investimento e de consumir. Mas isso a gente tem que aguardar para entender como esse cenário político estará atuando sobre as decisões de investir e nas decisões das famílias de consumir", ponderou o pesquisador.

Veículos

A produção industrial encolheu em 22 dos 26 ramos investigados em março, em relação ao mesmo período do ano passado, segundo o IBGE. A pesquisa mostrou que 75,5% dos 805 produtos pesquisados tiveram produção menor.

A atividade de veículos automotores, reboques e carrocerias despencou 23,8%, principal contribuição para a redução de 11,4% registrada pelo total da indústria no período.

"Cerca de 95% dos produtos investigados nos veículos automotores mostram queda na produção, ou seja, quase a totalidade dos produtos mostrando recuo na comparação com março do ano passado", ressaltou André Macedo.

Os itens com quedas mais relevantes na fabricação foram automóveis, caminhões, autopeças, veículos para transporte de mercadorias, chassis com motor para ônibus e caminhões, caminhão-trator para reboques e semirreboques e carrocerias para ônibus e caminhões.

"Os caminhões têm impacto negativo importante dentro de bens de capital. E, dentro de bens duráveis, automóveis e eletrodomésticos em geral têm impacto importante para explicar essa queda acentuada", disse Macedo.

A segunda maior pressão negativa foi das indústrias extrativas (-16,6%), com recuos tanto em minérios de ferro quanto em óleos brutos de petróleo. O rompimento da barragem da Samarco em Mariana, Minas Gerais, no ano passado, continua a impactar a extração de minério, enquanto as paralisações de plataformas de petróleo para manutenção explicam as perdas em óleo bruto.

Outras contribuições negativas relevantes sobre o total nacional foram de máquinas e equipamentos (-17,8%), metalurgia (-14,4%), equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (-31,1%), produtos de metal (-19,6%), produtos de borracha e de material plástico (-16,8%), produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis (-5,8%), produtos de minerais não-metálicos (-14,3%), máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-17,4%), outros equipamentos de transporte (-22,0%), produtos têxteis (-15,7%) e móveis (-17,9%).

Na direção oposta, houve avanço significativo em produtos do fumo (17,4%) e produtos farmoquímicos e farmacêuticos (2,7%).

Políticas econômicas equivocadas levaram à desindustrialização, diz CNI

04/05/2016 - Fonte: DCI



As decisões equivocadas de políticas econômicas tomadas pelo governo levaram a indústria a uma perda de mais de 10 pontos percentuais na sua participação no Produto Interno Bruto (PIB) nos últimos anos. A afirmação foi feita nesta terça-feira, 3, pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Robson Andrade. Ele

participa da cerimônia de abertura da Feira Internacional de Máquinas e Equipamentos (Feimec), no Expo São Paulo, na zona sul da capital paulista.

De acordo com Andrade, hoje a indústria da transformação representa mais ou menos 9% do PIB. Quando se coloca junto os setores da mineração e construção civil, a participação da indústria no PIB sobe a 14%. "Mas já fomos 26% do PIB. Perdemos posições por conta das políticas econômicas equivocadas", disse o presidente da CNI.

Andrade lembra que o setor enfrenta problemas de ordem cambial e trabalhista, que também contribuem para a situação negativa do setor. "A indústria que mais emprega e mais capacita trabalhadores no Brasil é a mais prejudicada pela justiça trabalhista e pela tributação", queixou-se o dirigente.

"Temos problemas com a burocracia e todas estas questões é que levaram à desindustrialização nos últimos anos. Mas apesar disso tudo, estamos confiantes no futuro. Vamos ter uma troca de governo. Claro que não existe magia, mas isso já nos leva a crer na volta da confiança e dos investimentos", disse Andrade.

Ainda de acordo com o presidente da CNI, a indústria brasileira tem condições de concorrer com a indústria europeia dentro das fábricas. "O nosso problema é da porta para fora das fábricas", disse.

Vendas da Fiat recuam 35,5% em abril

04/05/2016 - Fonte: Diário do Comércio

Companhia concedeu férias coletivas de 10 dias para boa parte dos funcionários como forma de ajustar a produção

As vendas da Fiat Chrysler Automóveis (FCA), com planta em Betim, na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), despencaram em abril. No período, os emplacamentos de automóveis e comerciais leves da marca italiana chegaram a 24,4 mil carros contra 37,8 mil unidades no mesmo mês de 2015, uma queda de 35,5%.

Com a retração nas vendas, a Fiat não conseguiu se manter líder no segmento como em abril do ano passado. Em abril deste ano, com participação de 15,4%, a montadora ficou atrás da GM por praticamente 1 ponto percentual.

No acumulado do quadrimestre, a FCA também perdeu espaço e fechou o período com fatia de 15,1%, 1,2 ponto percentual a menos que a primeira do ranking, que também foi a GM.

Os dados divulgados pela Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve) mostraram que as vendas de automóveis e comerciais leves da Fiat entre janeiro e abril deste ano somaram 94,5 mil veículos contra 145,9 mil nos mesmos meses de 2015, uma retração de 35,3%.

A queda nos emplacamentos justifica uma série de medidas que vêm sendo adotadas pela Fiat desde 2014 - quando as vendas já haviam caído 8,5% em relação às de 2013 - para ajustar a produção à demanda encolhida por causa da crise econômica nacional. Em 2015, a redução foi de 37,1% sobre o exercício anterior.

Entre essas medidas, a última foi as férias coletivas por 10 dias para a maior parte dos cerca de 17,5 mil trabalhadores da planta de Betim. A medida começou no último dia 22 de abril e a montadora justificou que o novo período de férias tinha o objetivo de "ajustar a produção à demanda de mercado".

Só no ano passado, entre paradas técnicas e férias coletivas, foram cerca de 111 dias a menos de operação nas linhas da plataforma mineira.

Em meio à retração econômica do País e a essa série de medidas para contornar a pior crise vivida pelo setor automotivo brasileiro, a Fiat confirmou, no dia 15 de abril, durante a apresentação do novo Fiat Mobi ao Executivo do Estado, em Belo Horizonte, que a planta de Betim tem importância estratégica e descartou ainda qualquer transferência de atividades para a unidade de Pernambuco, inaugurada em 2015.

Durante a cerimônia, o presidente da FCA para a América Latina, Stefan Ketter, confirmou também a manutenção dos planos de investimentos da montadora, que somam R\$ 15 bilhões entre 2013 e 2016. Além disso, o aumento das exportações segue em pauta pela empresa, conforme consta no Plano de Negócios atualizado para o período entre 2014 e 2018.

Iveco – No acumulado até abril, as vendas de caminhões da Iveco Latin America, unidade do grupo Fiat sediada em Sete Lagoas (região Central) e especializada na fabricação de veículos pesados, também sofreram forte queda em relação às do mesmo período de 2015.

Nesta comparação, foram emplacados 974 veículos contra 1,5 mil unidades, retração 35,4%. A Iveco manteve sua posição no ranking das fabricantes de caminhões, no sexto lugar, abocanhando 5,6% do market share do segmento.

Em relação às vendas de ônibus da marca do grupo italiano, a Iveco teve um pior desempenho este ano. Até abril, foram vendidos 207 veículos contra 516 nos mesmos meses de 2015, queda de praticamente 60%. A montadora ficou no quinto lugar, com participação de 4,6% nas vendas desse tipo de veículo no período.

A Mercedes-Benz, que vem readaptando a planta de Juiz de Fora (Zona da Mata) para receber a montagem bruta e pintura de cabines, vendeu 5,3 mil caminhões entre janeiro e abril deste ano sobre 6,2 mil veículos no mesmo quadrimestre de 2015, queda de 14,6%. A fabricante alemã foi a líder nesse mercado, abocanhando 30,7% de participação.

As vendas de ônibus da Mercedes também caíram. Nos quatro primeiros meses do ano, foram 2,5 mil emplacamentos contra 4,7 mil nos mesmos meses do exercício anterior, uma retração de 46,8%, de acordo com os dados da Fenabrave.

CNI faz críticas às políticas econômicas

04/05/2016 - Fonte: Diário do Comércio

As decisões equivocadas de políticas econômicas tomadas pelo governo levaram a indústria a uma perda de mais de 10 pontos percentuais na sua participação no Produto Interno Bruto (PIB) nos últimos anos. A afirmação foi feita ontem pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Robson Andrade.

Ele participou da cerimônia de abertura da Feira Internacional de Máquinas e Equipamentos (Feimec), no Expo São Paulo, na zona sul da capital paulista.

De acordo com Andrade, hoje a indústria da transformação representa mais ou menos 9% do PIB. Quando se coloca junto os setores da mineração e construção civil, a participação da indústria no PIB sobe a 14%. "Mas já fomos 26% do PIB. Perdemos posições por conta das políticas econômicas equivocadas", disse o presidente da CNI.

Andrade lembra que o setor enfrenta problemas de ordem cambial e trabalhista, que também contribuem para a situação negativa do setor.

"A indústria que mais emprega e mais capacita trabalhadores no Brasil é a mais prejudicada pela justiça trabalhista e pela tributação", queixou-se o dirigente.

"Temos problemas com a burocracia e todas estas questões é que levaram à desindustrialização nos últimos anos. Mas apesar disso tudo, estamos confiantes no futuro. Vamos ter uma troca de governo. Claro que não existe magia, mas isso já nos leva a crer na volta da confiança e dos investimentos", disse Andrade.

Ainda de acordo com o presidente da CNI, a indústria brasileira tem condições de concorrer com a indústria europeia dentro das fábricas. "O nosso problema é da porta para fora das fábricas", disse.

MLOG deverá investir R\$ 800 mi em porto-indústria em Linhares

04/05/2016 - Fonte: Inda

A MLog, ex-Manabi, está dando um primeiro passo para transformar o antigo projeto de um terminal marítimo de minério de ferro em um porto multicargas. Hoje a empresa assina no Palácio Anchieta, em Vitória (ES), memorando de entendimentos com o governo do Estado e com o município de Linhares para desenvolver o Distrito Empresarial Norte Capixaba.

A ideia é criar um porto-indústria à semelhança de Suape, em Pernambuco. Com base em incentivos fiscais, empresas nacionais e estrangeiras poderão se instalar em área de 12 milhões de metros quadrados pertencentes à MLog no distrito de Degredo, em Linhares.

Em uma primeira fase, a ser implementada em 18 meses, a MLog poderá investir cerca de R\$ 800 milhões no projeto, segundo estimativas. O investimento inclui estudos com licenciamento ambiental, zoneamento e obras de infraestrutura.

Do valor total previsto, 40% devem ser de capital próprio da companhia e 60% financiados. A MLog foi criada a partir da fusão, no ano passado, da mineradora Manabi com a empresa de navegação Asgaard, da empresária Patricia Tendrich Coelho.

Na operação, Patricia passou a controlar a empresa tendo como sócios acionistas da mineradora, entre os quais Korea Investment Corporation (KIC), OTPP, EIG e Southeastern Asset Management, entre outros.

O Valor apurou que a MLog entrou com pedido de consulta de financiamento para o projeto do Distrito Empresarial Norte Capixaba no Banco do Nordeste (BNB). O BNB disse que a informação sobre a consulta da empresa é protegida por sigilo bancário e não deu informações sobre o projeto. O empreendimento da MLog poderá contar com incentivos fiscais da Sudene, que inclui a região de Linhares (ES), e também de programas do governo do Espírito Santo.

Apesar da crise pela qual passa o país, MLog e o governo capixaba acreditam que, quando houver uma recuperação da economia, o norte do Estado poderá atrair investimentos.

"É uma região que tem atrativos para novos negócios", disse o secretário de desenvolvimento do Espírito Santo, José Eduardo Faria de Azevedo. Ele disse que o memorando com a MLog prevê estudos para criar um polo empresarial na área da empresa. Esse polo, com porto associado, poderá atrair investimentos em petróleo e petroquímica, serviços logísticos, metalmeccânica e rochas ornamentais, entre outros setores.

"É um projeto de longo prazo e confiamos na recuperação da economia [brasileira]", disse Patricia Coelho, presidente da MLog. Ela estará hoje em Vitória para a assinatura do memorando de entendimentos. Inicialmente, o porto da empresa em Degredo seria utilizado para exportação de minério de ferro dentro do projeto da Manabi, que detém direitos minerários em Morro do Pilar (MG). O projeto previa entre as alternativas

logísticas a construção de um mineroduto para levar o minério de ferro até o litoral capixaba.

A partir da assinatura do memorando de entendimentos, a MLog deverá encaminhar estudos de licenciamento do projeto. Também serão feitos estudos de mercado e de viabilidade e montado um plano de negócios.

A empresa precisará de autorização da Secretaria de Portos (SEP) e da Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq) para o terminal multiuso. O memorando entre MLog, Espírito Santo e Linhares prevê ainda a criação de uma Zona de Processamento à Exportação (ZPE).

Pedidos de recuperações judiciais batem recorde nos 4 meses de 2016

04/05/2016 - Fonte: G1

O número de recuperações judiciais requeridas nos quatro primeiros meses de 2016 foi 97,6% superior ao registrado no mesmo período do ano passado, segundo o Indicador Serasa Experian de Falências e Recuperações.

Foram 571 ocorrências contra 289 apuradas entre janeiro e abril de 2015. O resultado é o maior para o acumulado do primeiro quadrimestre desde 2006, após a entrada em vigor da Nova Lei de Falências (junho/2005).

Recuperação judicial requerida é quando a empresa entra com o pedido de recuperação em juízo, acompanhado da documentação prevista em lei, e espera pela análise do juiz. Entenda o que é recuperação judicial

As micro e pequenas empresas lideraram os requerimentos de recuperação judicial de janeiro a abril de 2016, com 327 pedidos, seguidas pelas médias (149) e pelas grandes empresas (95).

Na análise mês a mês, o indicador verificou aumento de requerimentos de recuperação judicial em abril em relação a março de 2,5% (162 em abril contra 158 em março). Já na comparação entre abril/2016 e abril/2015, a alta foi de 65,3%, de 98 para 162.

Em abril, as MPEs também ficaram na frente com 98 requerimentos, seguidas pelas médias empresas, com 40, e as grandes com 24.

De acordo com os economistas da Serasa Experian, "o prolongamento e a ampliação do atual quadro recessivo da economia brasileira aliada à elevação dos custos operacionais e financeiros tem levado a recordes consecutivos dos requerimentos de recuperações judiciais".

Falências

Nos quatro meses do ano foram realizados 523 pedidos de falências no país, um aumento de 4% em relação a igual período de 2015, quando foram registrados 503. Do total de requerimentos de falência efetuados de janeiro a abril de 2016, 271 foram de micro e pequenas empresas ante 264 em igual período de 2015. 130 foram de médias empresas (em igual período do ano passado, 110) e 122 pedidos de grandes empresas (em 2015, 129).

Ainda segundo o indicador, em abril foram requeridas 132 falências, queda de 18% em relação ao mês anterior, quando ocorreram 156 solicitações. Já em relação a abril de 2015 (com 161 falências requeridas), a queda foi de 16,5%.

As micro e pequenas empresas foram responsáveis pelo maior número de pedidos de falência em abril: 79. Em seguida, as médias, com 32, e grandes, com 21.

Ministério cria comissão da verdade para crimes contra sindicalistas

04/05/2016 - Fonte: G1

e Previdência Social anunciou nesta segunda-feira (2) a criação de uma comissão da verdade que vai "investigar intervenções em sindicatos e prisões de sindicalistas" que tenham ocorrido entre 1946 e 1995.

De acordo com o ministério, a criação da comissão atende a um pedido feito por nove centrais sindicais e será feita por meio de um decreto a ser assinado nesta terça-feira (3) pelo ministro da pasta, Miguel Rossetto.

O **G1** procurou a assessoria do Ministério do Trabalho e Previdência Social em busca de mais informações sobre a comissão, mas foi informado que detalhes só serão divulgados nesta terça.

Além da comissão da verdade, Rossetto deve assinar ainda decreto que reformula o Conselho Nacional do Trabalho, instância consultiva para políticas públicas ligadas ao trabalho, e apresentará uma proposta, a ser encaminhada ao Congresso, que reestrutura o Sistema Nacional de Emprego (Sine). Segundo o ministério, as mudanças vão ampliar a proteção a trabalhadores e desempregados, além de apoio a empregadores em processos de seleção.

Relatório final

Entregue no final de 2012, o relatório final da Comissão Nacional da Verdade, que durante dois anos investigou crimes ocorridos durante a ditadura militar (1964-1985), apontou que 536 sindicatos estiveram sob intervenção no período de 1964 e 1970.

O documento também afirma que "trabalhadores e seu movimento sindical constituíram o alvo primordial do golpe de Estado de 1964, das ações antecedentes dos golpistas e da ditadura militar."

"O confronto de diferentes levantamentos a respeito de mortes, por diferentes causas, incluindo execuções, e desaparecimentos forçados de trabalhadores urbanos no país, entre 1964 e 1988, permite concluir a ocorrência de um total de 114 casos de trabalhadores como vítimas, sendo 35 sindicalistas."

Ainda de acordo com o relatório final, "é certo que houve mortes e desaparecimentos anteriores, no período 1946-1964." Entretanto, os investigadores não conseguiram juntar registros precisos das vítimas.

Sinais mostram que podemos ter atingido fundo do poço

04/05/2016 - Fonte: Folha de S. Paulo

O que já sabemos sobre o comportamento da economia brasileira no primeiro trimestre de 2016 mostra um quadro assustador

A taxa de desemprego atingiu 10,9%; 409 empresas pediram falências ou concordatas contra 191 nos primeiros três meses de 2015; a produção industrial despencou 11,7% em relação a igual período do ano passado (e cai há 25 meses na base de comparação anual).

Essa soma de indicadores ruins poderia indicar que a doença da economia brasileira já está mais para depressão -enfermidade ainda mais grave- do que para recessão.

Mas o retrato muito negativo esconde sinais incipientes de que talvez tenhamos atingido o fundo do poço. Na linguagem de economistas, há indicadores de estabilização no horizonte.

Isso não impediria novas contrações do PIB (Produto Interno Bruto) tanto no primeiro quanto no segundo trimestres deste ano. Mas, se essa tendência se mantiver, é possível que a saúde geral da economia pare de piorar.

Os próprios dados da produção industrial, divulgados nesta terça-feira pelo IBGE, indicaram o melhor desempenho do indicador em relação ao mês imediatamente anterior (descontados efeitos sazonais) desde julho de 2014.

Houve expansão em março de 1,4% na comparação com fevereiro. Metade dos 24 setores pesquisados teve melhora na passagem para o terceiro mês do ano.

A alta de 4,6% na fabricação de produtos alimentícios mais do que compensou, por exemplo, a queda de 2,1% acumulada entre janeiro e fevereiro, segundo o Bradesco. A produção de máquinas e equipamentos avançou 8,6%.

Esses resultados se seguiram a discretas melhoras nos indicadores de confiança de consumidores e empresários em relação ao futuro.

Embora ambos permaneçam em patamar histórico muito baixo, podem apontar uma moderada reversão no comportamento de cortes de gastos e investimentos.

Economistas não cansam de dizer que a confiança é fundamental para a recuperação e o crescimento.

Em entrevista recente à **Folha**, o economista Antonio Delfim Netto resumiu isso assim: crescimento é um estado de espírito, só cresce quem acha que vai crescer. E ressaltou que, no Brasil, isso havia se perdido.

Um provável governo de Michel Temer pode se beneficiar do início de reversão dessa perda. A velocidade da recuperação da economia e a sustentabilidade dessa tendência dependerão, no entanto, das reformas que serão feitas para corrigir os muitos problemas de origem da crise atual, que permanecem, em sua maioria, intocados.

Apetite de investidor da china por futuros de minério de ferro pode gerar bolha

04/05/2016 - Fonte: Inda

O preço do minério de ferro durante décadas foi decidido em negociações secretas entre as maiores mineradoras do mundo e as siderúrgicas. Agora, a força dominante é um obscuro mercado de commodities no nordeste da China, em um exemplo claro de como o poder de definir os preços de itens que vão do aço ao cobre caminha para o oriente.

A mudança foi impulsionada por investidores chineses, que colocaram bilhões de dólares nos futuros de minério de ferro negociados na Bolsa de Commodities de Dalian. As apostas geraram tanto volume em dólares quanto os futuros de ouro em Nova York, segundo dados do Citigroup. Isso também criou algo que não havia antes no mercado para o minério de ferro: preços visíveis, em tempo real.

Esses preços estão disparando. Apesar do excesso de oferta de minério de ferro em 2016, os futuros do minério de ferro em Dalian subiram 46% desde o início do ano. Os preços para o minério de ferro no mercado físico avançaram 52%, para atingir a máxima em 15 meses, a US\$ 68,70 a tonelada em 21 de abril.

Na sexta-feira, a commodity física era negociada a US\$ 65,20 a tonelada, enquanto o contrato mais ativo na Bolsa de Dalian fechou a 462 yuans (US\$ 70,36 a tonelada).

O avanço do preço gera a preocupação entre os reguladores chineses e também entre os produtores de minério de ferro. Há o temor de que a compra por especulação crie uma bolha e condições voláteis, que dificultam a proteção contra grandes variações.

"Os volumes que são negociados agora são tão altos que eles fragilizam o mercado físico e serão uma influência massiva de agora em diante", afirmou Nev Power, diretor executivo da australiana Fortescue Metals Group, quarta maior exportadora de minério de ferro no mundo. "O lado negativo é a volatilidade que temos visto: isso torna difícil prever que preço haverá mais adiante."

Cerca de US\$ 330 bilhões em futuros de minério de ferro foram negociados em Dalian em abril, mais que o dobro do giro mensal de fevereiro e quase quatro vezes o montante gasto no mercado físico do minério de ferro internacionalmente em um ano.

Em uma estratégia para acalmar o mercado nos últimos dias, a Bolsa de Dalian elevou os custos para transações e o montante de margem, ou depósito, que os investidores precisam colocar para negociar. Os futuros de minério de ferro recuaram 5,4% na quarta-feira, após caírem o máximo de 6% permitido na terça-feira.

Na semana anterior, os futuros subiram 5,9% em dois dias consecutivos. Na quinta-feira, a bolsa também proibiu 13 investidores de abrir posições temporariamente e advertiu que mais de 200 clientes violaram regras de negociações.

A China é o principal consumidor mundial de vários metais, do cobre ao alumínio. O país compra mais de dois terços do minério de ferro no mercado internacional, portanto os sinais sobre a demanda do país são acompanhados com atenção.